

“IGREJA MÃE”

Caderno de temas 2019

Equipas de Jovens de Nossa Senhora



ÍNDICE

Apresentação

Janeiro | “Juventude, a Igreja ensina a ser jovem”

Fevereiro | “Missão, ser Igreja no dia-a-dia”

Março | “EJNS – um Movimento da Igreja, na Igreja e para a Igreja”

Abril | “Igreja apostólica – o desafio da evangelização hoje”

Maiο | “O Papa como sinal de unidade da Igreja”

Junho | “Homens pecadores, Igreja santa”

Julho | “Balanço – como é que em Equipa servimos a Igreja?”

Setembro | “A Igreja e outros crente, paz no mundo”

Outubro | “Aos que mais necessitam”

Novembro | “Pobreza, pobre de espírito e de bens”

Dezembro | “Igreja, casa de celebração da vida”

Agradecimentos

INTRODUÇÃO

Olá!

Novo ano, novo caderno de temas! Trezentos e sessenta e cinco dias novos em folha para agradecermos a Deus a graça que é:

1. Termos um caderno de temas novo, com temas que nos interpelam;
2. Pertencermos a um Movimento que nos aproxima da Sua vontade;
3. Termos uma equipa, onde podemos viver a nossa Fé livremente;
4. Podermos estudar e trabalhar;
5. Termos uma família;
6. Termos comida e podermos partilhá-la à mesa;
7. Estarmos vivos;
8. Etc., etc., etc.

Como podemos ver, não é difícil arranjar razões para agradecermos...!

Este ano o caderno tem como tema-geral a “Igreja Mãe”. O objetivo ao longo do ano é irmos percebendo o que é a Igreja; qual o nosso papel dentro dela; o que é o Papa e para que é que existe; como se organizam as outras religiões e como é que devemos entrar em diálogo com elas; entre outros temas, como a maneira de lidar com a pobreza e com a vida, seja no seu começo ou no seu final.

Fomos percebendo que era isto que as ejNS precisavam e pediam. Fomos estando também atentos às respostas da avaliação dos cadernos que fizemos a meio do ano passado e que, esperemos, tenha chegado a todos. Foi importante para nos ir guiando, tanto nos cadernos de oração, como no caderno de Temas.

O grande objetivo deste caderno é ser verdadeiramente prático! No ano passado fomos estudando a figura de Nossa Senhora, tendo por base uma Encíclica do Papa S. João Paulo II, e por isso o objetivo

do caderno era ser catequético e formativo. Este ano, viramo-nos mais para a prática do dia-a-dia.

Temos a certeza que este é um bom caderno, que foi redigido por equipistas ou antigos equipistas, e feito com muita oração e, acima de tudo, com amor a Deus, que criou, nos anos 70, no coração de umas quantas pessoas, no Porto, a vontade de fundar as ejNS em Portugal.

É por sabermos que o caminho proposto pelas ejNS faz sentido que continuamos!

Na introdução do caderno de 2018 estava um parágrafo que pensamos que vale a pena reeditar:

“Não nos podemos esquecer que é principalmente nas pequenas coisas que podemos dar provas da nossa fidelidade, e por isso é que a base das Equipas são as reuniões mensais e é também por isso que a nossa fé é uma fé do dia-a-dia.”

Seguimos, juntos, em oração e no estudo dos temas!

Muito obrigado e boas reuniões,
Secretariado Nacional

JUVENTUDE, A IGREJA ENSINA A SER JOVEM

JANEIRO



JUVENTUDE, A IGREJA ENSINA A SER JOVEM

ORAÇÃO INICIAL

Às vezes ponho-me a pensar, Senhor, naquelas palavras que Pedro diz a Jesus em plena Transfiguração: “É bom para nós estarmos aqui!” (Mt 17, 4). Pedro não parece preocupado em aumentar a sua informação, em aproveitar aquela ocasião para se lançar noutra coisa qualquer. Ele está simplesmente. Está deliciado, a sentir o prazer profundo de manifestação da Divindade de Jesus, a saborear aquele presente, sem mais. Ajuda-nos, Senhor, a repetir como Pedro: “É bom para nós estarmos aqui!” Há quanto tempo não dizemos tal coisa? E, contudo, também são para nós essas palavras, também são para nós.

D. José Tolentino Mendonça

*Pai Nosso, que estais nos Céus,
Santificado seja o Vosso nome,
Venha a nós o Vosso Reino,
Seja feita a Vossa vontade,
Assim na Terra como no Céu,
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
Perdoai as nossas ofensas,
Assim como nós perdoamos a quem os tem ofendido,
E não nos deixeis cair em tentação,
Mas livrai-nos do mal.
Ámen.*

TEMA

Igreja Jovem

Chesterton escreveu “A Igreja Católica é antiga, não velha. As ideologias novas tornam-se rapidamente velhas, passadas. A Igreja

cativa sempre os jovens, fascina-os sempre. Todos os que prenunciam a sua morte morrem e ela fica. A Igreja não muda porque é a verdade. A Igreja Católica persiste porque não é uma construção humana.”

Sabemos que a Igreja é jovem e atual porque conhecemos a história de Jesus. Sabemo-la verdadeira porque Ele é aquele que É. Se o que Jesus diz for considerado apenas do ponto de vista humano e histórico, concluímos que são escassos os elementos presentes nas palavras de Cristo que nos permitem relacioná-lo com o Seu próprio tempo (ao contrário de outros pensadores da altura que falavam de problemas do seu contemporâneo – como a escravatura, por exemplo). Jesus falou sempre ciente de que tudo é efêmero. Vemos isto através das parábolas (e não só)! Tudo tão presente, real e de hoje. Disse “O Céu e a Terra hão de passar, mas as minhas palavras não passarão” (Mt 24, 35). Não será certamente uma moralidade de outro tempo, mas poderá ser uma moralidade de outro mundo. Por esta razão, é que a Igreja nos cativa, porque é uma Igreja de hoje, jovem e para os jovens, de outro mundo mas neste mundo.

Não nos podemos esquecer que Jesus não ultrapassou a humanidade, mas atravessou-a. A juventude é uma fase na qual somos “obrigados” a fazer várias escolhas que determinam a nossa identidade e o curso da nossa vida: escolher a nossa área, curso, trabalho, perceber no que acreditamos, o que queremos viver e o que queremos ser. Isto tudo, enquanto vivemos dificuldades próprias da vida que também nos moldam! Jesus era Homem e passou por todas as idades! Foi criança com as crianças, santificando-as; com os jovens fez-Se jovem, santificando-os e tornando-Se ao mesmo tempo para eles o modelo. Jesus é então, “jovem entre os jovens”, e quer encontrá-los caminhando com eles, como fez com os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). Oferece-Se ainda, a Si mesmo, para que cada um de nós, jovens, tenhamos a vida em abundância (Jo 10, 10).

Igreja nos jovens

Cuidar dos jovens não é uma tarefa facultativa da Igreja, mas

sim parte fundamental da sua vocação e missão na História. A Igreja tem todo um mundo para nos oferecer, a nós jovens. A nós, que não só estamos a passar por uma fase de transição entre os primeiros passos na adolescência rumo à autonomia e à responsabilidade da vida adulta, como também é o momento em que damos um salto no envolvimento pessoal nas relações, compromissos da nossa vida e na nossa interioridade. Este caminho, que se articula em pequenas escolhas do dia-a-dia e decisões de maior importância, permite que cada pessoa descubra a singularidade e a originalidade da própria vocação. Posto isto, nesta fase, são muitas as nossas inseguranças. Tal como o profeta Jeremias, que antes de ser chamado a ser profeta, mostra a Deus a sua tenra idade “Ah, Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque sou um menino” (Jer 1,6). Como ele, precisamos de uma Igreja que seja Mãe. Que nos diga “Não temas diante deles; porque estou contigo para te livrar, diz o Senhor” (Jer 1,8).

São tantas as maneiras que a Igreja tem para nos ensinar a ser jovens. A Igreja empenha-se ao serviço de todos, individual e coletivamente, para que encontremos a alegria do amor. E fá-lo através da autoridade que lhe foi confiada. Autoridade significa “fazer crescer” (augeo, em latim, do qual deriva auctor e auctoritas) cada criatura naquela originalidade que o Criador pensou e desejou para ela. Por isso, a Igreja “faz-se” com os jovens, permitindo-lhes um verdadeiro protagonismo e não os colocando diante de um “sempre se fez assim”. Dá-nos a liberdade e o acompanhamento que precisamos para sermos melhores. Oferece-nos os sacramentos e a liturgia; na Igreja é celebrada a Eucaristia – na qual a entrega e a força de Cristo se renovam para nós de tal forma que, a Ele unidos, nos tornamos o Seu corpo e vivemos pela Sua força. Na Igreja arde o fogo dos santos, para nele nos incendiarmos. A Igreja educa-nos, edifica-nos, fortalece-nos e consola-nos – por isso, é nossa Mãe! É a nossa casa, no seu sentido mais puro. Disse o Cardeal Henri de Lubac “Ainda hoje, a Igreja me dá Jesus. Isso diz tudo. Que saberia eu, pois, d’Ele? Que ligação haveria entre Ele e eu sem a Igreja?”.

Jovens na igreja

O beato Pier Giorgio Frassati disse “Nós - que por graça de Deus somos católicos - não devemos gastar os anos mais belos da nossa vida como desgraçadamente fazem tantos jovens infelizes que se preocupam com gozar os bens terrenos e não produzem nada de bom, mas que apenas fazem frutificar a imoralidade da nossa sociedade moderna. Devemos treinar-nos, a fim de estarmos prontos para travar as lutas que, seguramente, teremos de combater pela realização do nosso programa e para, assim darmos à nossa Pátria, num futuro não muito longínquo, dias mais alegres e uma sociedade moralmente sã. Mas para tudo isto, é preciso: a oração contínua para obter de Deus a graça sem a qual as nossas forças são vãs; organização e disciplina para estarmos prontos para a ação no momento oportuno e, finalmente, o sacrifício das nossas paixões e de nós mesmos, porque sem isso não se pode atingir o objetivo.”

Então nós jovens, o que temos para oferecer à Igreja? Se queremos ajudar a Igreja temos de lutar pela nossa santidade. É a maior ajuda que podemos dar! Deus transforma a Igreja através dos santos. Santo Ambrósio afirmava que “todas as idades são maduras para a santidade”, por isso sem dúvida também o é a juventude! São Josémaria Escrivá, a falar aos jovens disse-lhes que os nossos deveres de católicos se podem resumir em ser leal – “não é leal a pessoa que não tem consigo mesmo, contra si mesmo, uma luta. Estejas onde estiveres, se não lutas não és leal! Façam então o propósito de ser leais, de ser sérios na maneira de viver. Os estudantes a estudar, os trabalhadores a trabalhar. E com empenho! O mundo precisa de vós – que no vosso ambiente, no vosso trabalho, na vossa escola, na vossa família, nos sítios onde se divertem – sejam pessoas íntegras, fortes, amigáveis e católicas. É tudo isto que espero de vós.” É tudo isto que a Igreja espera de nós, que lutemos pela santidade! Nós jovens temos dois instrumentos muito úteis à Igreja: a nossa Alegria – “Jovem, alegra-te na tua mocidade! Sê feliz o teu coração nos dias da tua juventude” (Ec 11,9, cf. Sab 2:6). O imperativo da alegria habita a juventude com naturalidade. Todos os jovens são chamados

a anunciar a ressurreição com esta alegria que os caracteriza! Disse o Papa Francisco aos jovens em Copacabana “sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outros jovens!”. Tomemos isto como missão! O segundo instrumento é a Força – “A glória do jovem é a sua força” (Prov 20,29). Uma atitude naturalmente proativa em relação à existência caracteriza a juventude: momento de máxima expansão da própria energia física, traz consigo uma força única para enfrentar os desafios da vida. Na figura bíblica de Josué, servo de Moisés desde a adolescência, tais características emergem, precisamente quando ele é chamado a conduzir o povo para a conquista da Terra Prometida. Várias vezes lhe é repetido o convite “Sê forte e corajoso”, tanto por Moisés (Dt 31,7.23) quanto por Deus (Js 1,6.7.9). É esta mesma palavra que a Igreja dirige a todos os jovens que enfrentam os desafios da vida, seguindo a indicação do apóstolo João: “Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o maligno” (1 Jo 2,14). O Papa Paulo VI escreveu na conclusão do Concílio Vaticano II aos jovens “É em nome deste Deus e de seu Filho Jesus que vos exortamos a alargar os vossos corações a todo o mundo, a escutar o apelo dos vossos irmãos e a pôr corajosamente ao seu serviço as vossas energias juvenis. Lutai contra todo o egoísmo. Recusai dar livre curso aos instintos da violência e do ódio, que geram as guerras e o seu cortejo de misérias. Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados. A Igreja olha-vos com confiança e com amor. Rica de um longo passado sempre vivo, e caminhando para a perfeição humana no tempo e para os destinos últimos da história e da vida, ela é a verdadeira juventude do mundo. Possui o que constitui a força e o encanto dos jovens: a faculdade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas. Olhai-a, e encontrareis nela o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta da verdade e do amor, o companheiro e o amigo dos jovens. É em nome de Cristo que nós vos saudamos, que vos exortamos e vos abençoamos (AAS 58 (1966), p. 8-18).”

PONTOS DE DISCUSSÃO

A Igreja é efetivamente jovem mesmo tendo 2000 anos? Como é que isso é possível?

Como podemos dar uso à alegria e à força para evangelizar o mundo?

O que é que a Igreja nos oferece, concretamente, para nos ensinar a ser jovens? E para sermos santos?

De que forma podemos nós, jovens, servir a nossa paróquia? Como o fazemos e como o devemos fazer?

Como vejo Jesus na sua juventude?

PONTOS DE ORAÇÃO

Lembro, enquanto aqui estou sentado em silêncio, que Deus me olha com amor e me sustenta. paro por um momento e penso nisto.

Peço a graça de saber rezar.

“Falo-vos desta maneira para que se alegrem comigo e para que tenham uma alegria perfeita.” (Jo 15, 11) (leio várias vezes até ficar gravado no coração)

Como vivo a alegria de Jesus? Como quero viver a alegria de Jesus? A maneira como vivo corresponde ao que Deus quer de mim? Falo com Jesus sobre isto. Se for preciso escrevo, para a seguir partilhar em equipa as minhas dificuldades de ser alegre no mundo em que vivo.

Peço a graça, com a intercessão de Maria, de ser alegre.

PROPOSTAS DE PONTO DE ESFORÇO

Delegar em equipa ações para pôr em prática na missa da minha paróquia. Por exemplo, ser leitor, fazer ofertório, cantar no coro, sentar-me na primeira fila em vez de na última...

Rezar todos os dias a oração do jovem (a oração final do tema) por cada um da nossa equipa (ser concreto: dizer os nomes de cada um, ver a cara de cada um na nossa cabeça – “Rezo pelo João, pela Maria, pelo Francisco”) e pelos jovens que estão nas JMJ neste mês. Alguém tem de ficar responsável por lembrar a equipa, e uma vez lembrado é para rezar na hora! Podem ir trocando de responsável, fica a vosso critério. Mas também facilita ter um lembrete no telemóvel.

Rezar o terço todos os dias. E um dos mistérios pelos jovens do mundo inteiro e pelas JMJ!

Descobrir santos jovens, ou santos que marcaram a juventude. Quem são e o que fizeram? Mandar para o WhatsApp da equipa ou levar na reunião seguinte!

PARA APROFUNDAR

Instrumentum laboris, Sínodo dos Bispos de 2018 sobre “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”

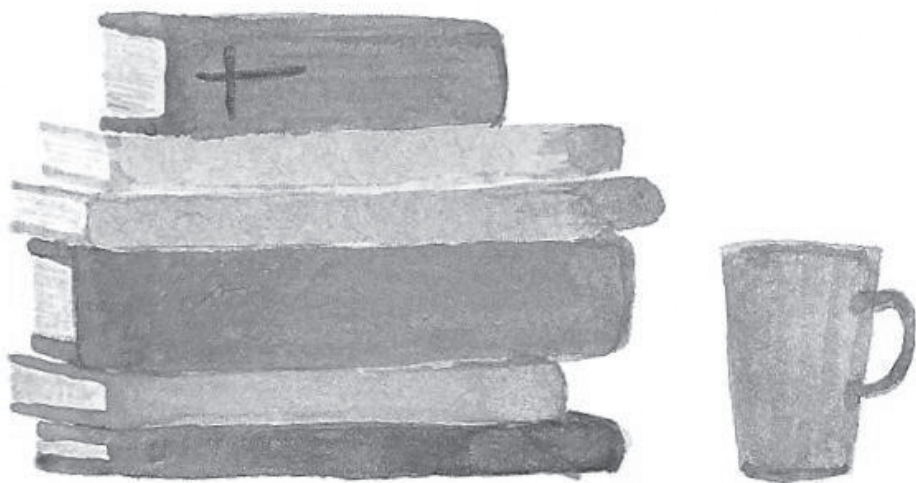
ORAÇÃO FINAL | Oração do Jovem

Ó Cristo Jesus,
Tu foste jovem como eu.
Soubeste como ninguém
viver os anos mais belos da Tua vida.
Deste-me exemplo de uma juventude
sem sombras nem pesadelos.

Conheces o meu coração
e as minhas aspirações.
Conheces também as minhas ansiedades
e sabes como é difícil ser jovem hoje.
Ensina-me a ser jovem.
Dá-me um coração bom e puro,
manso e humilde como o Teu.
Purifica os meus pensamentos e desejos,
os meus olhares, palavras e ações.
Põe no meu coração
os Teus sentimentos de amor,
de entusiasmo e de disponibilidade
para realizar a vontade do Pai.
Torna-me capaz de anunciar
a Verdade, a Paz, o Amor
e de fazer de Ti o Coração do Mundo.
Quero, com a Tua ajuda,
testemunhar o Evangelho,
para que o mundo se torne mais belo
e os homens vivam como irmãos.
Ámen

MISSÃO: SER IGREJA NO DIA-A-DIA

FEVEREIRO



MISSÃO: SER IGREJA NO DIA-A-DIA

ORAÇÃO INICIAL

Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do Vosso amor.
Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado,
e renovareis a face da terra.

Oremos:

Ó Deus,
que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas
e gozemos sempre da sua consolação.
Por nosso Senhor Jesus Cristo,
na unidade do Espírito Santo.
Ámen.

TEMA

Pouco depois de Jesus morrer e ressuscitar, Deus enviou o Espírito Santo sobre os apóstolos e Nossa Senhora, que estavam juntos a rezar. Esse mesmo Espírito Santo permanece na Igreja, tendo atravessado fronteiras, continentes, culturas e séculos. Está em Portugal, está nas ejNS e está na equipa de cada um. É Ele que inspira e sustenta a Igreja a cada dia que passa. Cada um de nós é assim parte deste corpo que é a Igreja e cada um de nós tem uma função indispensável. Mais do que os edifícios, mais que a Santa Sé ou os padres, a Igreja é um corpo místico. O conjunto dos batizados, que acreditam em Cristo e são guiados pelo Santo Padre e pelos bispos. Não esquecendo ainda a Igreja Celeste, que somos nós em comunhão com os que já partiram e com os santos, a quem podemos recorrer e pedir a sua intercessão.

Contudo, tal como cada um de nós é único, também a nossa missão na Igreja é única. E por isso mesmo somos insubstituíveis. É como se Deus desejasse a diversidade das nossas vidas para se fazer presente no mundo e em todos nós. “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.” (1 Cor, 12, 4-7)

Como podemos viver esta Igreja no dia a dia?

Somos chamados a saber mais sobre Deus: o estudo, a doutrina, o amor à Sagrada Escritura ajudam a alicerçar a nossa fé: “No íntimo do vosso coração confessai a Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-lo peça” (1Pe 3, 15)

Contudo, não precisamos de ter grandes discursos persuasivos ou respostas na ponta da língua. Precisamos sobretudo de viver esta relação com Deus. E a partir daí tudo flui com naturalidade. Como podemos então viver melhor esta relação com Deus?

Através da Oração. De formas muito simples mas bonitas: estar na Igreja diante do sacrário. Quando foi a última vez que o fizemos?

Falar a Nosso Senhor. Do que nos entusiasma e do que nos preocupa. Do que temos vergonha e do que temos orgulho. Agradecer tantas coisas maravilhosas que nos foram dadas. Pedir por alguém que precisa. Ou simplesmente estar em silêncio. Estar diante de Deus. Em silêncio.

Através dos Sacramentos. Ir à Missa, de coração aberto e atento. Estar na Missa sem estar preocupado com as aparências, ou distraído com o que não interessa. Estar de coração atento e inteiro diante de Nosso Senhor.

Recorrer à confissão. Quando foi a última vez que nos confessámos? A confissão é melhor que wifi grátis. É um presente de Deus para nos renovar e ajudar a recomeçar o caminho. É como se tivéssemos na carteira o bilhete vencedor da lotaria e não o usamos. Podemos usá-lo, e nunca se esgota. Quanto nos ajudaria preparar-nos serenamente para a confissão e abrir o coração a Jesus!

Através do Serviço. Servir os outros não é uma coisa que fazemos de vez em quando, quando já fizemos o que nos convém ou apetece. Servir, viver em Missão, é ser presença de Jesus no meio do mundo. E isso não é só de vez em quando. Vê-se pela forma como cada um de nós se aplica no estudo e no trabalho, a paciência com que trata a família em casa, como ajuda o colega que está a ficar para trás, como pensa primeiro no interesse do outro, e só depois no seu. “Vim para fazer a vontade de meu Pai”. (Jo 6, 38)

A Missão não é só algo que fazemos durante uma semana numa pequena aldeia de Portugal. É o que vivemos dia a dia em casa, na Universidade, no estudo, na amizade, no trabalho. É ajudar quem mais precisa, quem for o meu próximo. Não esquecendo que as pessoas mais difíceis de amar, costumam ser as pessoas que mais precisam do nosso amor.

Toda a nossa vivência de Igreja deve ser em unidade. Não cada um para seu lado. Por vezes podemos achar que temos mais razão que outros ou que este movimento é melhor que aquele. Devemos aceitar a diversidade de todos, mas compreendendo que a um nível mais profundo somos todos templo do mesmo Espírito Santo. Somos membros diferentes, com diferentes carismas e estilos, mas todos parte do mesmo corpo. Somos chamados não a promover a divisão, a crítica fácil ou intriga, mas a unidade da Igreja. Na Igreja todos “trabalhamos por conta de outrem”. Não há freelancers.

É assim através da oração, dos sacramentos e do serviço que vamos sendo o testemunho que Deus quer. E Ele saberá melhor que nós qual o testemunho que Lhe interessa.

Por fim, saberemos que estamos a viver a Igreja no dia-a-dia, pelo critério último: o amor. **Possam todos olhar para nós e ver amor.**

Tertuliano testemunha que os primeiros cristãos levavam essas palavras de Jesus tão a sério que os pagãos exclamavam, admirados: “Vede como eles se amam!” (Apolog. 39)

PONTOS DE DISCUSSÃO

O que mais me tocou no texto? Porquê?

Que aspeto da relação com Deus tenho mais facilidade em viver?
E que aspeto tenho mais dificuldade em pôr em prática?

O que me alegra mais na relação com Deus e como posso transmitir isso de forma natural?

Como está a minha vida de oração? E os sacramentos?

O que é que gostaria de melhorar na minha forma de servir?

Que coisa simples posso fazer para viver mais próximo de Deus?

PONTOS DE ORAÇÃO

Da autobiografia de Santa Teresa do Menino Jesus (Manuscripts autobiographiques, Lisieux 1957, 227-229) (Sec. XIX)

“No coração da Igreja eu serei o amor. Não obstante a minha pequenez, queria iluminar as almas como os Profetas, os Doutores, sentia a vocação de ser Apóstolo... Queria ser missionário, não apenas durante alguns anos mas queria tê-lo sido desde o princípio do mundo e continuar até à consumação dos séculos. Mas acima de tudo, ó meu amado Salvador, queria derramar o sangue por Vós até à última gota. Porque durante a oração estes desejos me faziam sofrer um

autêntico martírio, abri as epístolas de São Paulo a fim de encontrar uma resposta. Casualmente fixei-me nos capítulos doze e treze da primeira epístola aos Coríntios; e li no primeiro que nem todos podem ser ao mesmo tempo Apóstolos, Profetas, Doutores, etc.... que a Igreja é formada por membros diferentes e que os olhos não podem ao mesmo tempo ser as mãos. A resposta era clara, mas não satisfazia completamente os meus desejos e não me trazia a paz. Continuei a ler e encontrei esta frase que me confortou profundamente: Procurai com ardor os dons mais perfeitos; eu vou mostrar-vos um caminho mais excelente. E o Apóstolo explica como todos os dons mais perfeitos não são nada sem o amor e que a caridade é o caminho mais excelente que nos leva com segurança até Deus. Finalmente tinha encontrado a tranquilidade. Ao considerar o Corpo Místico da Igreja, não conseguia reconhecer-me em nenhum dos membros descritos por São Paulo; melhor, queria identificar-me com todos eles. A caridade ofereceu-me a chave da minha vocação. Compreendi que, se a Igreja apresenta um corpo formado por membros diferentes, não lhe falta o mais necessário e mais nobre de todos; compreendi que a Igreja tem coração, um coração ardente de amor; compreendi que só o amor fazia atuar os membros da Igreja e que, se o amor viesse a extinguir-se, nem os Apóstolos continuariam a anunciar o Evangelho nem os mártires a derramar o seu sangue; compreendi que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo e que abrange todos os tempos e lugares, numa palavra, que o amor é eterno. Então, com a maior alegria da minha alma arrebatada, exclamei: Ó Jesus, meu amor! Encontrei finalmente a minha vocação. A minha vocação é o amor. Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e este lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes: no coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor; com o amor serei tudo; e assim será realizado o meu sonho.”

O que é que este texto me transmite?

Santa Teresa de Lisieux parece não ser concreta na conclusão da sua oração. No entanto, sente-se plena, com um sentimento de paz! O que é que quer dizer com “eu serei o amor no coração da Igreja”?

O que é que esta oração de Santa Teresa de Lisieux tem a ver com a minha vida?

PROPOSTAS DE PONTO DE ESFORÇO

Preparar-me serenamente para a confissão e abrir o coração diante do Sacerdote.

Em equipa ir a uma noite de reconciliação.

Melhorar um aspeto do meu serviço em casa e partilhá-lo com a equipa.

Visitar um sacrário e estar em silêncio com Jesus durante 30 minutos.

ORAÇÃO FINAL | Trabalhando sou teu

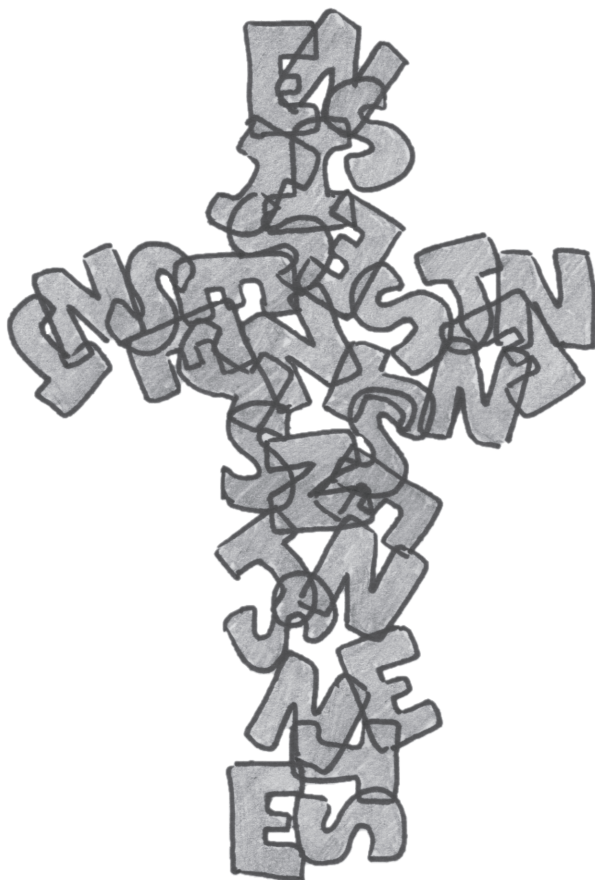
Dá-me a tua força, Mãe
Quero ser teu filho, ardentemente te amar
Com todo o meu ser te servir
Com as minhas forças te testemunhar
Quero ser parte de ti, minha Mãe
Quero ter-te em mim
Ser teu espelho,
Tua luz.
Quero ser teu e todo teu,
Na minha vida.
Quero ser no mundo como tu és para mim
Quero ser alegre ao acordar
Tranquilo ao deitar.
Quero saber pedir, saber agradecer.
Quero, Mãe, a tua graça.
Graça para a todos servir
Para a todos amar

Trabalhando quer ser teu
E sempre teu,
Minha Mãe

Leonor Neto Rebelo, equipista do setor de Cascais

EJNS - MOVIMENTO DA IGREJA, NA IGREJA E PARA A IGREJA

MARÇO



EJNS - MOVIMENTO DA IGREJA, NA IGREJA E PARA A IGREJA

ORAÇÃO INICIAL

Rezada por São João Paulo II no 1º Encontro de um Papa com os Movimentos

Vinde Espírito Santo, vinde e renovai a face da terra!

Vinde com os vossos sete dons!

Vinde Espírito de vida, Espírito de verdade, Espírito de comunhão e de amor!

A Igreja e o mundo têm necessidade de Vós.

Vinde Espírito Santo e tornai sempre mais fecundos os carismas que concedeis.

Dai nova força e impulso missionário a estes vossos filhos e filhas aqui reunidos.

Dilatai o coração deles, reavivai o seu empenho cristão no mundo.

Tornai-os corajosos mensageiros do Evangelho, testemunhas de Jesus Cristo ressuscitado, Redentor e Salvador do homem. Fortalecei o seu amor e a sua fidelidade à Igreja.

A Maria, primeira discípula de Cristo, Esposa do Espírito Santo e Mãe da Igreja, que acompanhou os Apóstolos no primeiro Pentecostes, dirigimos o nosso olhar para que nos ajude a aprender do seu Fiat a docilidade à voz do Espírito.

Cristo repete a cada um de nós: «Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a todas as criaturas» (Mc 16, 15).

Ele conta com cada um de nós, a Igreja conta connosco.

«Eis – assegura o Senhor – Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo»

Ámen

TEMA

“Subitamente ressoou vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram, então, aparecer umas línguas à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios de Espírito Santo” (Act 2, 2-3)

Assim começou São João Paulo II o seu discurso na Vigília de Oração que reunia, pela primeira vez, em Roma, os movimentos e as novas comunidades eclesiais e um Santo Padre.

Esta pequeníssima passagem foi escolhida pelo Papa por, explicou, relatar **o acontecimento que, em Jerusalém há cerca de 2000 anos, iniciou o tempo da Igreja**: os discípulos, reunidos com Maria no Cenáculo, recebem o dom do Espírito. O Espírito Santo enquanto pessoa da Santíssima Trindade já fora operante no Antigo Testamento, através da sua intervenção e presença, com o fim de dar a conhecer Cristo aos Homens. Podemos verificá-lo através da criação do mundo, na promessa a Abraão, nas expectativas do Messias. No Novo Testamento o Espírito Santo dá-nos a conhecer plenamente Cristo, e Cristo, através da sua vida, vai revelando o Espírito Santo. Contudo, **é no Pentecostes que o Espírito Santo “explode” para prolongar, no tempo e no espaço a missão de Cristo**, para ficar eternamente connosco e lembrar-nos de tudo o que Cristo nos disse, dar testemunho Dele e conduzir-nos a Ele.

Diz-nos São Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, que o Espírito Santo não só nos santifica e nos conduz por meio dos sacramentos e ministérios adornando-nos com virtudes, mas, também, “distribui a cada um os Seus dons como lhe apraz”. Dito de outra maneira, a Lumen Gentium descreve que o “Espírito Santo distribui graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos”.

As palavras-chave são “a cada um” e “diversas”. O Espírito Santo não nos torna aptos para todas as tarefas, também não nos torna aptos para uma tarefa comum à nossa geografia, classe social ou educação, mas torna-nos aptos para uma tarefa específica que, se bem cumprida, **servirá a Deus e à Igreja.**

Neste encontro, em 1998, o Papa recorda o papel do Espírito Santo como fonte de graças. Graças que distribui diversa, mas não aleatoriamente e que fomentam obras e encargos proveitosos para a edificação da Igreja.

Os movimentos nascem como resultado dos dons que o Espírito Santo vai distribuindo diversamente...

Para São João Paulo II, **os movimentos são a prova viva dessa efusão do Espírito** já que estes se formam quando alguns carismas (conjunto de dons recebidos suscitados pelo Espírito) irrompem como “vento impetuoso”, que arrebatava e atraía as pessoas para um caminho partilhado e orientado ao bem comum e ao bem de toda a Igreja.

Resumindo: o nosso carisma é resultado dos dons que recebemos que, por sua vez, determinam a maneira como vivemos a Fé e, conseqüentemente, a nossa Espiritualidade. Desta maneira, à **medida que vamos descobrindo a nossa Espiritualidade, vamos-nos reunindo com pessoas semelhantes**, deixando-nos guiar por aqueles em quem reconhecemos Jesus – **isso são os movimentos.**

...e nascem como resposta aos desafios do nosso tempo

São João Paulo II explica que uma fé posta à dura prova, através duma cultura que difunde modelos de vida sem Deus, pode ser sufocada e extinta. Perante isto, torna-se evidente e urgente **a necessidade de uma aprofundada formação cristã e de um anúncio forte.**

Para além disso, os carismas, que por definição são “comunicativos”, fazem nascer entre as pessoas uma “afinidade espiritual e uma amizade em Cristo”. São precisamente essa afinidade e essa amizade que passam a ter uma missão perante a Igreja: a de dar “frutos maduros de comunhão e empenho”.

Os movimentos nascem como resposta a um desafio que a própria Igreja identificou perante formas de sociedade onde Jesus está mais esquecido. A missão passa por ter movimentos capazes de despertar vocações e capazes de prestar frutos maduros de comunhão e empenho. “Vós sois esta resposta providencial” é um mandato claro (e que impõe bastante pressão!) aos movimentos.

As Equipas de jovens de Nossa Senhora como mais um movimento.

Nesta lógica nasceram, como muitos outros movimentos, as Equipas de jovens de Nossa Senhora. Baseado no carisma familiar e de partilha que se vive nas equipas de casais, **as ejNS reúnem jovens que pretendem percorrer um caminho de Fé partilhado.**

As ejNS são resultado dum “vento impetuoso” (São João Paulo II), traduzido e presente nos carismas de todos aqueles que foram passando e estão no nosso movimento.

Na sua essência e na sua génese, as ejNS são um movimento **da Igreja, na Igreja e para a Igreja.**

Um movimento da Igreja

O ser da Igreja poderia significar duas coisas. Por um lado, podemos usamos a proposição de para nos referirmos a algo que possuímos (“esse caderno é da Maria”) mas também a algo que pertencemos (“Eu sou de Portugal”).

Sentirmo-nos da Igreja (pertencentes a) é uma questão que

pode ser resumido quase que ao plano institucional. As Equipas, como movimento, são reconhecidas em Portugal pela Conferência Episcopal. Neste ano de 2019 temos confiança que **o próprio Vaticano nos reconheça como Movimento Internacional da Igreja**. Reconhecerem-nos como Movimento Internacional da Igreja Católica não tem nenhuma implicação prática, mas é um reconhecimento ao papel que as Equipas têm com a juventude no Mundo inteiro. Sem soberba e sem orgulho acreditamos que, se é essa a vontade de Jesus e da Igreja, esse reconhecimento nos dará (terá dado) força e alegria para chegarmos a mais pessoas.

Por outro lado, é intuitivo dizermos que as ejNS são um movimento da Igreja já que é no seu seio, no seu amparo, que as Equipas pretendem fazer o seu caminho. É uma presença natural, consequência da sua própria génese. Ao terem um Carisma particular, infundido pelo Espírito Santo, são considerados mais um “membro, dum mesmo corpo, que é a Igreja” (São Paulo).

Um movimento na Igreja

A proposição em pode exprimir uma relação de tempo (“em 2016 Portugal foi campeão”) mas também de espaço (“estou em Coimbra”). As ejNS estão na Igreja nestas duas dimensões.

Estão na dimensão espacial na Igreja porque respeitam, seguem e obedecem a hierarquia actual da Igreja. Não compete às ejNS, nem aos seus responsáveis ou equipas uma avaliação soberba daquilo que os padres ou bispos lhe sugerem ou pedem. Esta “confiante obediência” que é pedida a toda a hierarquia da Igreja demonstra-se, de maneira prática, no amor que se tem à própria obediência e respeito (haverá maneira teórica de demonstrar amor?). Disse São João Paulo II, nesse mesmo encontro de que já falámos anteriormente, que cada movimento não pode de maneira nenhuma dispensar “o discernimento da Autoridade eclesiástica competente”. Autoridade essa representada pelos pastores da Igreja (Bispos, Padres e consagrados que nos acompanham) a quem compete “de modo

especial não extinguir o Espírito, mas julgar tudo e conservar o que é bom”.

Por outro lado, estão na dimensão temporal porque estão também no tempo. As ejNS são atuais naquilo que propõem, estando atentas àquilo que lhes é proposto. Os temas, as peregrinações ou as bases espirituais de programas de oração que são preparados são, na maior parte das vezes, resultado daquilo que a Igreja em Roma, ou em Portugal, vai pedindo aos seus fiéis. Ir discutindo e ajuizando sobre os temas das actualidade não só nos dá uma sensação de pertença à Igreja como também nos torna em potenciais ferramentas de Serviço (através da construção de opinião ou do exemplo da ação).

Um movimento para a Igreja

A missão das ejNS é só uma: servir a Igreja.

Parecendo fácil na teoria não o é na prática. É muito importante que sejamos fiéis à missão das ejNS e que não caiamos na tentação de vermos as ejNS como um fim. Na verdade, no dia em que as ejNS tenham como fim “criar equipistas que participem mais nas actividades do movimento”, estarão a contradizer-se. O fim das ejNS não é criar equipistas mais comprometidos. O fim das ejNS, é e terá sempre de ser, aproximar as pessoas de Jesus através de Maria. Tudo o que fugir deste objetivo deverá ser abolido.

O mandato é claro. A própria Igreja, na voz de São João Paulo II, o deixou explícito: a Igreja espera de nós “frutos maduros de comunhão e empenho”. Espera que O proclamemos com actos e, quando nos perguntarem, com palavras. Espera que nós nos deixemos mudar, como aqueles apóstolos reunidos no cenáculo. (At 2, 1-13)

PONTOS DE DISCUSSÃO

Tenho consciência que a minha vida de movimento me deve levar, em primeiro lugar a cumprir as minhas obrigações? Ser bom

estudante, trabalhador, filho, namorado? E que se não o fizer estou a ir contra a própria génese do movimento (fomentar o bem comum, o bem de toda a Igreja)?

Qual a importância do movimento na minha Espiritualidade? Sou exigente com a maneira como a vivo no movimento?

Identifico, nas ejNS, a própria Igreja? Da mesma maneira que nos é pedido que sirvamos a Igreja, pus-me ao serviço do movimento? E da Igreja?

PROPOSTAS DE PONTO DE ESFORÇO

Ler a transcrição a carta a Diogneto, de autor anónimo, que mostra como era a experiência cristã primitiva e o esforço do diálogo da Igreja com a cultura circundante, para que saibamos, em Equipa, seguir o exemplo que nos é dado nesta carta. Podes encontrá-la no site das Equipas (www.ejNS.pt) no separador “Bibliografia Recomendada”, da Biblioteca dos Cadernos.

Rezar o “Timeout” (muito popular nas ejNS do Brasil): à mesma hora, toda a equipa, todos os dias rezam o Magnificat ou uma Ave Maria. Pode ajudar ter um lembrete no telefone.

PARA APROFUNDAR

Vigília de Oração presidida por São João Paulo II durante o encontro dos movimentos eclesiais e das novas comunidades, 30 de Maio de 1998. Site Vaticano.

Carta Internacional das Equipas de Jovens de Nossa Senhora. Site ejNS Portugal.

Documento Nacional das Equipas de Jovens de Nossa Senhora. Site ejNS Portugal.

ORAÇÃO FINAL | Magnificat

A proposta é rezar de maneira pausada o Magnificat (oração oficial das ejNS). Se houver tempo, acompanhar com a meditação de 10 pontos do Papa Bento XVI em 31 de maio de 2012.

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:
De hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as
gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho
E ao Espírito Santo,
Como era no princípio,
Agora e sempre.
Ámen.

IGREJA APOSTÓLICA O DESAFIO DA EVANGELIZAÇÃO HOJE

ABRIL



A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DE HOJE

ORAÇÃO INICIAL

*Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito,
acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»
perante a urgência, mais imperiosa do que nunca,
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.*

*Vós, cheia da presença de Cristo,
levastes a alegria a João o Baptista,
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.
Vós, estremecendo de alegria,
cantastes as maravilhas do Senhor.
Vós, que permanecestes firme diante da Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.*

*Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados
para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.
Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.*

*Vós, Virgem da escuta e da contemplação,
Mãe do amor, esposa das núpcias eternas*

*intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo,
para que ela nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.*

*Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.*

*Mãe do Evangelho vivente,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós.*

Ámen. Aleluia!

(Papa Francisco, EG, 288)

TEMA

Evangelização, a “vocação própria da Igreja”

“Porque, se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!” (1 Cor 9, 16) Será difícil poder começar por reflectir sobre este tema tão pertinente da evangelização sem ter presente este “ai de mim” de São Paulo que tão fortemente nos desinstala. Na verdade, se vamos fazendo esta experiência de conhecer cada vez mais Jesus e de perceber como Ele pode transformar realmente as nossas vidas, como pode ser possível não sentirmos esta necessidade permanente de falar Dele, de mostrar na nossa vida como Jesus pode ser resposta a tantas inquietações que vamos tendo no nosso coração? Já dizia São Tomás de Aquino que o Bem é, por natureza, difusivo. Isto é, aquilo que de bom e edificante nos acontece na vida gera uma vontade enorme de o transmitir aos que estão à nossa volta.

Quem é aquele que recebendo a melhor e mais feliz notícia do mundo se isola, fechado, a comemorar?

Ora, entender a evangelização como uma consequência natural, embora sempre exigente, de uma vida centrada em Cristo, faz-nos tomar parte numa missão que nunca se esgota: levar Jesus e a Sua Igreja a toda a gente, a todo o lado, a todas as realidades. Numa importante exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo (Evangelii Nuntiandi, 1975), o Papa São Paulo VI chamou-lhe mesmo a “vocação própria da Igreja”: “Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da Sua morte e gloriosa ressurreição.” (EN, 14)

Que mundo evangelizar?

Ao querermos fazer inteiramente parte desta missão basilar da Igreja de levar Cristo ao mundo, devemos procurar saber bem que mundo é este que somos chamados a evangelizar. De facto, não somos nunca evangelizadores no vazio nem numa abstracção de pessoas e condições perfeitas. Somos chamados, isso sim, a evangelizar o mundo real e concreto, as pessoas de carne e osso com quem nos cruzamos todos os dias, com histórias de vida e sonhos de futuro que importa ter no centro da nossa acção. Como tantas vezes nos diz o Papa Francisco, “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG, 231). Por isso, se há um desafio de vida a que devemos querer responder positivamente é esta capacidade de nos espantarmos perante a realidade, de procurar compreendê-la profundamente em toda a sua complexidade e abrangência, sem ficarmos presos a ideias redutoras, míopes, desajustadas da realidade como ela é e não como gostaríamos que fosse. Seguramente, um bom evangelizador será aquele que, perante situações concretas que se lhe deparem, seja capaz de, pacientemente, dar um passo atrás para tentar perceber verdadeiramente os sonhos e as aspirações, as frustrações e as

desolações, a vida toda daquela pessoa ou realidade que é chamado a evangelizar. Num mundo que tantas vezes privilegia e promove a superficialidade e o imediatismo, será bom evangelizador aquele que, dando tempo ao tempo, seja capaz de conhecer o coração e as verdades mais profundas daqueles que procura aproximar de Jesus e da Igreja.

Importante também será lembrar que, desde o início da Igreja, nenhum tempo foi o melhor possível para a Igreja levar a cabo este desígnio de falar de Jesus a todos os homens e mulheres. Todas as épocas trouxeram as suas dificuldades, as suas incompreensões, as suas perseguições. Aliás, é por isso mesmo que Jesus nos deixa claro, no Sermão da Montanha, que seremos plenamente felizes quando, por causa do nome Dele, formos maltratados ou mesmo perseguidos (cf. Mt 5, 11). Assim, o facto de termos sido chamados a viver num mundo como o de hoje, altamente descristianizado e secularizado, onde Deus e a religião vão sendo progressivamente apagados do espaço público, não pode ser para nós motivo de desesperança nem abatimento. Se todo o tempo é um tempo favorável para falar de Jesus (cf. 2 Cor 6, 2), então este nosso tempo não é diferente. O que precisamos é de pessoas que, por viverem profundamente enraizadas em Cristo, tenham a coragem de O levar às realidades mais difíceis, a sensibilidade de conhecerem bem aqueles que querem evangelizar e a inteligência de lhes ir propondo, no tempo e na medida própria, um caminho que lhes vá mostrando como Jesus pode mudar as suas vidas.

Testemunho de vida como primeiro meio de evangelização

Muitas vezes quando falamos deste tema e nos lembramos de grandes evangelizadores, grandes missionários que levaram a Palavra de Deus a todo o mundo, pode parecer-nos tudo demasiado grandioso e exigente. Como é que nós, na nossa pequenez, nas nossas limitações, podemos realmente contribuir para que esta vocação da Igreja de evangelizar possa ser cumprida? “Ouve-se repetir, com frequência hoje em dia, que este nosso século tem sede de autenticidade. A

propósito dos jovens, sobretudo, afirma-se que eles têm horror ao fictício, àquilo que é falso e que procuram, acima de tudo, a verdade e a transparência. Estes “sinais dos tempos” deveriam encontrar-nos vigilantes. Tacitamente ou com grandes brados, sempre porém com grande vigor, eles fazem-nos a pergunta: Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis? Mais do que nunca, portanto, o testemunho de vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda da pregação.” (EN, 76)

Assim, devemos começar por ter bem presente que o primeiro lugar onde somos chamados a evangelizar é na nossa vida, é dando testemunho de que uma vida que encontrou Jesus pode ser uma vida mais verdadeira, mais autêntica, mais alegre. No fundo, esta consciência de que sou primeiro chamado a evangelizar no pequeno, no próximo, no possível. “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito” (Lc 16, 10). Ninguém pode estar preparado para dar passos maiores de evangelização, se antes não procura ser cada vez melhor estudante, melhor trabalhador, melhor amigo, melhor filho, melhor irmão. Na verdade, se há algum desafio que uma vida com Jesus sempre traz é o da verdadeira unidade de vida, pela qual quem me rodeia possa ver em mim um testemunho de uma fé que entra e alimenta os critérios de todas as dimensões da minha vida. “Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus.” (EG, 259)

O acompanhamento como modo de evangelizar

Num mundo como aquele em que hoje vivemos, quem anda à procura de um sentido para a vida encontra um conjunto muito alargado de propostas que se atropelam umas às outras na sua ânsia desmedida de a tudo responder, de tudo satisfazer e, quanto mais rápido e instantâneo possa ser, melhor. Por isso, não podemos correr o risco de fazer da proposta de Cristo na vida de cada pessoa um certo pronto-a-vestir, que nos poupe tempo e trabalho. A história de Jesus com cada um é única e irrepetível e isso, também em parte, depende

da nossa capacidade de o mostrarmos enquanto evangelizadores. De facto, se há alguma coisa que devemos evitar é uma evangelização do “toca e foge”, incapaz de permanecer, de se fazer presente ao longo do tempo. Numa época que convive mal com vínculos e compromissos, em que tudo muda a uma velocidade alucinante, o desafio que nos fica é o de ousarmos ser verdadeiros acompanhadores daqueles que procuramos evangelizar, é o de sermos a imagem visível de um Jesus que, no meio de uma vida em que tudo corre e passa como um rio, seja a rocha firme onde cada um vai edificando a sua casa.

E, por outro lado, evangelizando com a certeza de que, quando ouvimos, aconselhamos e acompanhamos, é realmente o Espírito Santo que o faz por meio de nós, não nos deixando cair no orgulho e na vaidade de quem acaba por evangelizar para sua glória pessoal. “Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito (...). Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir.” (EG, 171) Na verdade, é porque fazemos a experiência de ser acompanhados que devemos querer acompanhar outros, sendo capazes de ouvir os seus sonhos e inquietações, de nos fazer próximos da sua caminhada e de testemunhar com a nossa vida como viver à séria com Jesus traz mais vida à vida de cada um.

PONTOS DE DISCUSSÃO

De que forma faço presente, na minha vida, esta ideia de São Tomás de Aquino de que o Bem é difusivo? Procuo partilhar os meus sucessos, consolações e alegrias com aqueles que estão à minha volta ou vivo-os isolado em mim mesmo? E o Bem que Jesus me faz, comunico-o aos outros? Ou deixo-me dominar pela vergonha e/ou pelo individualismo de que, no fundo, “ninguém tem nada a ver com a minha vida”?

Tento, no meu dia-a-dia, ter um olhar aberto perante as situações com que me vou deparando? Faço um esforço por conhecer verdadeiramente aqueles com quem me cruzo, fugindo da superficialidade dos juízos precipitados e incompletos sobre a realidade?

Como lido com as dificuldades que hoje existem à transmissão da fé? Vejo nelas um obstáculo demasiado grande, intransponível, que me impede de ir mais longe ou antes procuro entendê-las como “sinais dos tempos” que pedem de mim uma vida realmente apaixonada por Jesus?

Compreendo que quanto mais acredito naquilo que digo, quanto mais vivo aquilo em que acredito e quanto mais dou testemunho daquilo que vivo, mais sou capaz de ser exemplo de como Jesus é a resposta para a procura de um sentido para a vida?

Evito ser um evangelizador “toca e foge”, fazendo por cultivar relações de confiança e de verdadeira proximidade de vida? Sei colocar-me nas mãos do Espírito Santo como Seu instrumento de evangelização ou caio na tentação de me julgar auto-suficiente, acabando por me deixar envaidecer com os meus “sucessos de conversões”?

PONTOS DE ORAÇÃO

“Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. (...) É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à actividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração,...” (E. G., 262)

Deixo-me interpelar por este texto do Papa Francisco e medito no grau de importância que tenho dado a este “pulmão da oração” na minha vida diária.

“Os jovens pedem testemunhos autênticos: homens e mulheres capazes de expressar com paixão a sua fé e a sua relação com Jesus, e ao mesmo tempo, de encorajar outros também a aproximarem-se, a encontrarem-se e a apaixonarem-se por Jesus.” (Reunião Pré-Sinodal, Roma, Março 2018)

Depois de ler este excerto do documento Pré-Sinodal, rezo a centralidade que a pessoa de Jesus tem na forma como, em cada dia, vou vivendo e falando da minha fé. Peço a Deus que me dê a graça de que, cada vez mais, Jesus seja para mim uma pessoa com quem me relaciono apaixonada e intimamente e não apenas mais uma ideia bonita e agradável, com que me relaciono teoricamente.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Individualmente, pensar num amigo, num primo ou irmão, num colega de trabalho ou de faculdade, e fazer um propósito concreto de evangelização para este mês. Também aqui procurar a coragem de sair das minhas “pessoas de conforto”, a sensibilidade à vida e ao coração do outro e a inteligência de lhe fazer uma proposta, se bem que sempre exigente, adequada e equilibrada.

Procurar histórias de santos conhecidos por serem grandes evangelizadores e missionários. Aproveitando para conhecer melhor a vida dos santos, tento também, durante este mês, aplicar algumas lições das suas vidas à minha realidade concreta.

PARA APROFUNDAR

Papa São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, Dezembro 1975;

Papa São João Paulo II, Redemptoris Missio, Dezembro 1990;

Papa Francisco, Evangelii Gaudium, Novembro 2013;

Catecismo da Igreja Católica: 429, 848 – 856, 905, 2044, 2472.

ORAÇÃO FINAL

Ó Pai, enviaste o Teu Filho Eterno para salvar o mundo e escolheste homens e mulheres para que, por Ele, com Ele e n'Ele, proclamassem a Boa-nova a todas as nações. Concede as graças necessárias para que brilhe no rosto de todos os jovens a alegria de serem, pela força do Espírito, os evangelizadores de que a Igreja precisa no Terceiro Milénio.

Ó Cristo, Redentor da Humanidade, a Tua imagem de braços abertos no alto do Corcovado acolhe todos os povos. Em Tua oferta pascal, nos conduziste pelo Espírito Santo ao encontro filial com o Pai. Os jovens, que se alimentam da Eucaristia, Te ouvem na Palavra e Te encontram no irmão, necessitam de Tua infinita misericórdia para percorrer os caminhos do mundo como discípulos-missionários da nova evangelização.

Ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, com o esplendor da Tua Verdade e com o fogo do Teu Amor, envia Tua Luz sobre todos os jovens para que, impulsionados pela Jornada Mundial da Juventude, levem aos quatro cantos do mundo a fé, a esperança e a caridade, tornando-se grandes construtores da cultura da vida e da paz e os protagonistas de um mundo novo.

(Oração da Jornada Mundial da Juventude 2013)

PAPA COMO SINAL DA UNIDADE DA IGREJA

MAIO



O PAPA COMO SINAL DA UNIDADE DA IGREJA

ORAÇÃO INICIAL

Oremos pelo nosso Papa Francisco.

Que o Senhor o conserve, e lhe dê vida, e o faça santo na terra, e não o entregue à vontade de seus inimigos.

“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.”

Deus, pastor e guia de todos os fiéis, olhai cheio de bondade para o vosso servo, o Papa Francisco, a quem quisestes colocar à frente da vossa Igreja como pastor. Concedei-lhe, Vos pedimos, a graça de fazer, por suas palavras e por seu exemplo, com que progridam na virtude aqueles de quem é chefe, e chegue, com o rebanho que lhe foi confiado, à vida eterna.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ámen.

TEMA

“Tu es Petrus”

Em meados dos anos 80 o cardeal Jaime Sin, das Filipinas, visitou a China e foi convidado a participar num banquete com as autoridades. O cardeal filipino tinha pedido para se encontrar com o bispo Kung, de Pequim, que tinha estado detido largos anos por se recusar a encabeçar a Igreja Católica Patriótica, que era leal ao Governo e rejeitava a autoridade do Papa.

As autoridades aceitaram, mas como não queriam que os dois bispos conversassem sentaram-nos em lados contrários da mesa. A

dada altura o cardeal Sin sugeriu que cada um cantasse uma música, e assim foi. Quando chegou a altura de Kung cantar ele levantou-se e, olhando diretamente para o cardeal Sin, entoou o hino “Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam”, que significa **“Tu és Pedro, e sobre esta rocha edificarei a minha Igreja”**.

Essas são as palavras do Evangelho que normalmente associamos à nomeação de Pedro enquanto primeiro Papa. Ao recitá-las, Kung, que mais tarde foi feito cardeal, estava a deixar muito claro que apesar de todos os maus tratos e dos anos atrás das grades, a sua fidelidade ao Papa nunca tinha sido posta em causa.

Repare-se que a identidade do Papa da altura pouco importava a Kung. A sua comunhão não era com um homem, melhor ou pior, mais ou menos carismático, teologicamente mais ou menos profundo. A sua comunhão era com um cargo, um cargo instituído por Cristo e que logo na altura não foi confiado a quem mais merecia, mas a quem Jesus queria. Não é preciso, certamente, recordar os episódios do Evangelho em que São Pedro fraqueja na fé e é até criticado por Cristo, mas não deixou de ser ele o vigário, ou representante, de Jesus na Terra e por Ele veio a dar a vida sem hesitação mais tarde.

Desde a fundação das Equipas de Jovens de Nossa Senhora houve apenas três Papas. É muito pouco quando se compara aos cerca de 200 que já houve desde Pedro. As ejNS sempre tiveram, e bem, uma ligação forte ao Papa, tendo participado sempre que possível em eventos em que ele estava presente, fosse quem fosse o ocupante do trono de Pedro. Em larga medida **a união ao Papa e o amor ao cargo são características que definem o Católico**. Por esse amor e essa união já morreram incontáveis cristãos em vários países do mundo, muitos bem mais próximos do que a China.

A evolução do Papado

Sem entrar em demasiados detalhes, é importante deixar claro

que o papel do Papa mudou muito ao longo destes dois milénios. O modelo que temos hoje de pontificado é muito diferente do que foi no início ou do que era sequer há 150 anos.

Apenas para dar um exemplo, a ideia de que o Papa tenha a exclusividade da nomeação dos bispos em quase todo o mundo – persistem algumas exceções curiosas e interessantes – é uma coisa muito recente. Antes disso os bispos eram frequentemente nomeados pelo Estado, ou até escolhidos por aclamação popular, manifestando posteriormente a sua comunhão com o bispo de Roma.

Também houve um tempo em que o Papa passou a ser chefe político de grande parte da atual Itália. Quando isso acabou foi um choque para os católicos da época, que não imaginavam o pontificado sem o seu poder temporal, mas hoje percebemos que não era isso que era o mais importante e até temos dificuldade em compreender como é que era possível o Papa acumular os dois cargos.

Se amanhã, por alguma razão, o Vaticano deixar de ser um Estado Soberano, então o Papa deixará de ser um Chefe de Estado, com tudo o que isso implica, e o seu papel mudará de novo, mas não deixará de ser Papa.

Então o que é que define essencialmente o papel do Papa? Em primeiro lugar, **o Papa é bispo da diocese de Roma**. Sempre. Mesmo em tempos de crise, quando a sede do Papado se mudou para Avignon, o seu ocupante não deixava de ser bispo de Roma. E precisamente a Sé de Roma sempre foi reconhecida como tendo primazia entre todas as dioceses, nomeadamente entre as dioceses fundadas por Apóstolos, ou que tinham o estatuto de sedes apostólicas. Como é que essa primazia era entendida, ou o que isso significa, tem sido alvo de debate ao longo dos tempos, mas que havia primazia não é discutível.

Depois – e este ponto costuma gerar muitos mal-entendidos – **o Papa é infalível**. O que é que isto significa? Se o Papa acordar de manhã, olhar pela janela e disser que parece que hoje não vai chover, podemos todos sair de casa descansados? Não é, claro, nada disso.

A infalibilidade do Papa diz respeito a questões de fé e de moral e normalmente apenas se aplica em situações específicas, em que ele invoca essa autoridade e fala em comunhão com os bispos.

É verdade que o dogma da infalibilidade só foi proclamado no Concílio Vaticano I, mas isso não significa que o Papa apenas tenha sido infalível a partir de então. Não se trata de uma característica que podemos atribuir a alguém e depois retirar. Em vez disso devemos encarar esta característica como algo que protege a própria Igreja e que é garantida por Cristo, que a ama. **A Igreja tem a missão de apresentar Jesus ao mundo e Jesus é a Verdade e a Vida**. Logo, em questões de fé e de moral a Igreja não pode ensinar erros, sob pena de estar a apresentar outra coisa que não Cristo. Os homens de hoje, de há 500 anos e os que ainda virão, têm de poder ter acesso à mesma verdade, por mais que as circunstâncias possam mudar. A infalibilidade garante isso.

Isso significa que todos os papas são santos? Longe disso. Mas do que podemos ter a certeza é que a Igreja está a salvo de ser destruída mesmo pelo pior dos homens. Jesus garantiu-o a Pedro quando lhe disse que “nem as portas do inferno prevalecerão” contra a Igreja que Ele fundou sobre esse seu discípulo e amigo.

Temos tido a sorte, nos nossos dias, de ver homens bons e santos a ocupar o Trono de Pedro, mas mesmo que algum dia isso mude, ou se sair de Roma uma nova orientação que nos parece confusa ou diferente, podemos sempre estar tranquilos em relação a isso. As portas do inferno não prevalecerão.

Sinal de unidade

A Igreja Católica não é a única igreja cristã no mundo, e outras igrejas têm diferentes modelos de chefia. Olhando para elas não é difícil compreender a vantagem do **Papa enquanto sinal de unidade para os católicos**.

Evangélicos, anglicanos e ortodoxos podem ser diferentes em muita coisa, mas em todos se notam as dificuldades e fraturas que existem pelo facto de não aceitarem uma autoridade centralizada, com poder para resolver disputas e, caso seja necessário, impor uma decisão.

Infelizmente, o cargo do Papa é frequentemente invocado como sendo um obstáculo à aproximação a estas igrejas, sobretudo as ortodoxas. Estas temem, depois de quase um milénio de separação e de desconfiança, que se aceitassem a união com Roma perderiam a sua autonomia e seriam quase “colonizadas” pelos católicos.

O papel do Papa como nós o conhecemos hoje desenvolveu-se, e foi ganhando mais poder, precisamente na medida em que a Igreja Católica se foi reduzindo quase totalmente à Igreja de tradição latina, de Roma. Mas não há razões para pensar que o Papa tenha de ter o mesmo papel na Grécia, caso algum dia se consiga a unificação da Igreja, que tem em Portugal, que sempre foi um país de tradição latina.

Consciente disto, São João Paulo II incluiu na encíclica “Ut Unum Sint” um apelo aos irmãos de outras igrejas que o ajudassem a refletir sobre como o pontificado poderia ser aceitável para eles. Grande parte do trabalho ecuménico desempenhado pelos especialistas ao longo dos últimos anos tem sido de compreender exatamente qual era o papel do Papa na Igreja Universal nos primeiros 1000 anos da Igreja, antes do cisma de 1054.

Terminamos este texto apontando para outra característica essencial do Papa, que é o de **ser sinal visível e garante da unidade na Igreja**. Já depois da Ressurreição, Cristo encarregou Pedro de ser o pastor de todo o seu rebanho, na sua variedade de cordeiros e de ovelhas.

O cumprimento dessa missão pode, por vezes, implicar cedências por parte do Papa de aspetos do seu ministério atual que não são essenciais, e um exemplo recente chega-nos precisamente da China, onde começou este texto.

Décadas depois do Cardeal Kung, a China continuava a ter bispos nomeados pelo Governo e outros nomeados pelo Papa, com duas comunidades de fiéis separadas. Em 2018 o Papa chegou a um acordo com o Governo chinês, segundo o qual a nomeação de novos bispos será uma responsabilidade partilhada. Muitos católicos criticaram o acordo, dizendo que o Papa nunca deveria ter cedido ou abdicado de qualquer dos seus poderes neste campo, mas esquecem-se que a principal missão do Papa não é de nomear bispos, mas sim de garantir a unidade da Igreja. Este acordo com Pequim permitiu isso e espera-se que continue a permitir no futuro, podendo levar à normalidade.

Os críticos apontam para Kung e muitos outros padres e bispos, que sempre recusaram quebrar a relação com o Papa, e consideram que este acordo é uma traição aos seus muitos sacrifícios. Mas Kung, e todos os outros mártires e confessores que, pelo mundo e ao longo dos tempos, sofreram por fidelidade ao Papa, devem saber que a sua ligação não era a uma ou outra característica acessória do pontificado, mas precisamente à unidade garantida pelo Papa enquanto vigário de Cristo na Terra e que essa unidade deve ser sempre uma das principais prioridades do Papa, desde que não ponha em causa da verdade que é o próprio Cristo, no qual **todos os cristãos devem procurar ser um só**.

PONTOS DE DISCUSSÃO

O Papa é um sinal visível de unidade da Igreja e deve procurar preservar essa unidade. Mas nós também podemos contribuir para isso, manifestando e guardando a nossa unidade ao Papa. Fazemo-lo?

O cargo de Papa tem diferentes características, umas essenciais e outras secundárias, que podem mudar. Como é que o papel do Papa poderia mudar atualmente? Faz sentido haver um limite de idade, como existe para bispos? Nos tempos recentes tivemos dois exemplos diferentes: São João Paulo II foi até ao fim, apesar da sua doença e da sua fraqueza, enquanto Bento XVI invocou a sua fraqueza como razão para renunciar. Que vantagens e desvantagens vemos em cada abordagem?

É bom que os católicos desenvolvam o sentimento de união ao Papa, mas ele não é o nosso único líder na Igreja. Temos a mesma ligação ao nosso bispo que sentimos com o Papa? Rezamos por ele e preocupamo-nos com ele? Não é ele também sinal de unidade na diocese?

PONTOS DE ORAÇÃO

Todos os meses o Papa indica algumas intenções de oração. Procura saber quais são os deste mês e esforça-te para os recordares nas tuas orações diárias. Informa-te mais sobre as causas que o Papa escolheu.

Lê e reflete sobre as seguintes passagens ao longo do mês. Tenta colocar-te no lugar de Pedro e sentir o que ele devia sentir por Jesus, na sua fraqueza e na sua coragem. Lembra-te que Pedro não está longe de nós, está em Roma e continua a garantir a unidade da Igreja, como Jesus lhe pediu.

Lucas 5, 1-11

Mateus 14, 22-33

Mateus 16, 13-28

João 21, 15-18

Atos 3

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

O Papa Francisco tem insistido, desde o início do seu pontificado, no pedido que rezemos por ele. Se já o fazemos, melhor, mas este mês procuraremos rezar pelo Papa, pelo seu ministério e pela unidade da Igreja em conjunto. O responsável da Equipa pode encarregar-se de avisar todos os dias o resto da equipa, para rezarem à mesma hora pelo Papa.

Muitos de nós conhecemos apenas a tradição latina da Igreja. Uma maior abertura a outras tradições espirituais e litúrgicas pode contribuir para perceber como o papel do Papa pode ser desempenhado de forma diferente em diferentes contextos. Procuremos, individualmente ou como equipa, conhecer um bocado melhor estas outras tradições. Em Portugal existem, em vários pontos do país, comunidades da Igreja Greco-Católica da Ucrânia, que está em comunhão com o Papa, mas tem a sua própria hierarquia e liturgia. Tentem saber se há uma comunidade próxima e ir a uma liturgia desta Igreja, por exemplo.

PARA APROFUNDAR

Ut Unum Sint, encíclica de São João Paulo II. Ler tudo ou pelo menos os parágrafos 88-96

ORAÇÃO FINAL

Deus da viúva, do órfão e do migrante,
mostraste-nos a estrada da justiça.
Ajuda-nos a seguir o teu caminho, fazendo justiça ao te adorarmos.
Como cristãos unidos, possamos te louvar

não só com os nossos corações e mentes, mas também com as nossas ações.

Que o Espírito Santo nos ajude e nos guie
para trabalharmos pela justiça onde quer que estivermos,
para que muitas pessoas possam ser fortalecidas pelo nosso trabalho.

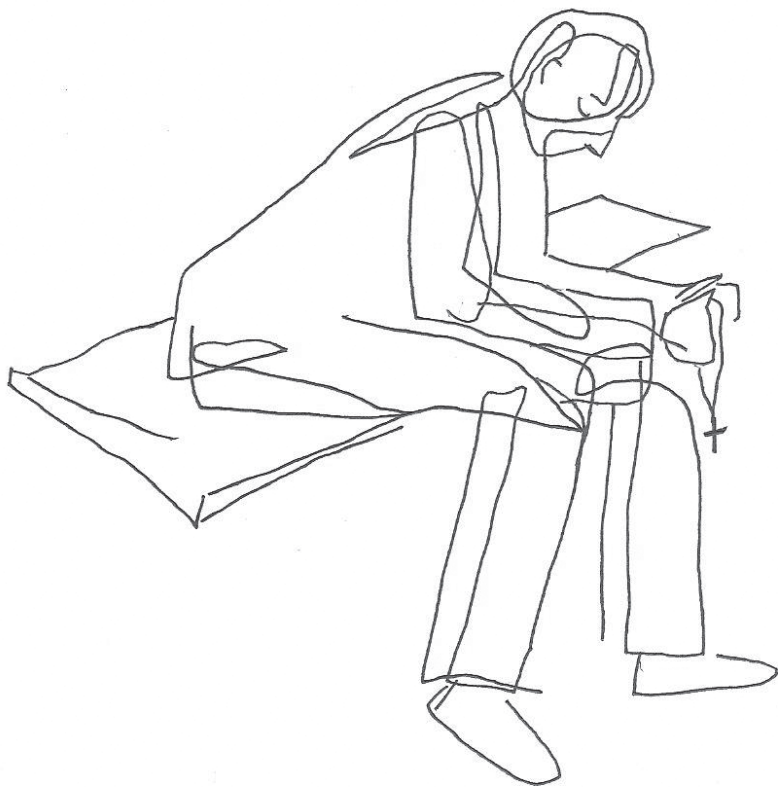
Em nome de Jesus.

Ámen

(Do oitavário da oração pela unidade dos cristãos, 2018)

HOMENS PECADORES, IGREJA SANTA

JUNHO



HOMENS PECADORES, IGREJA SANTA

ORAÇÃO INICIAL

Credo – a profissão da nossa fé em Deus e na Sua Igreja “Una, Santa, Católica e Apostólica”.

Creio em um só Deus,
Pai todo-poderoso,
Criador do céu e da terra
De todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigénito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus, Luz da Luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro;
Gerado, não criado, consubstancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas.
E por nós, homens, e para nossa salvação
desceu dos céus

E encarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria.
e Se fez homem.
Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.
Ressuscitou ao terceiro dia,
conforme as Escrituras;
e subiu aos céus,
onde está sentado à direita do Pai.
De novo há-de vir em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo.
Senhor que dá a vida,
e procede do Pai e do Filho;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos Profetas.

Creio na Igreja una, santa,
católica e apostólica.
Professo um só batismo
Para remissão dos pecados.
E espero a ressurreição dos mortos,
e vida do mundo que há-de vir. Ámen.

TEMA

No dia 29 de junho celebramos em cada ano uma festa muito importante para a Igreja de Roma e do mundo inteiro: a solenidade de São Pedro e São Paulo. Estes foram dois dos mais importantes Apóstolos, verdadeiras colunas do edifício que é a Igreja. Apesar de terem tido percursos bastante diferentes antes e depois de se encontrarem com Jesus, coincidem perfeitamente no seguimento de Cristo e na paixão missionária do anúncio do Evangelho. E também na sua morte – no martírio –, testemunho supremo de oferta a Deus.

É também um dia de especial oração pelo Papa, sucessor de São Pedro, para que se mantenha sempre fiel à sua missão de guardar e transmitir a Fé da Igreja e confirmar os irmãos na mesma Fé (Lc 22, 32).

É por esta razão que este mês nos dedicamos neste tema a olhar para a Igreja e aqueles que a compõem. Homens pecadores, Igreja Santa. Tema difícil este, em primeiro lugar porque parece uma contradição nos seus termos, em segundo lugar porque vivemos tempos de grande humilhação e penitência ao sabermos de tantos escândalos que abalaram a própria credibilidade da Igreja.

Como pode ser a Igreja Santa, se é composta por homens pecadores? Há esperança na Igreja, ao sabermos de tantos pecados cometidos? Pode a Igreja continuar a pregar o Evangelho se não o viver?

Vejamos dois episódios fundamentais que tiveram Jesus e São Pedro como protagonistas.

Estava Jesus com os discípulos em Cesareia de Filipe quando lhes pergunta o que diziam os outros sobre Ele. Uns diziam que era João Baptista, outros que era Elias, outros um profeta... Depois de sondar as opiniões de fora, Jesus aperta o cerco e pergunta-lhes directamente: “E vós, quem dizeis que Eu sou?”. É Pedro, como sempre o líder do grupo, que fala por todos: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo!”. E aí Jesus responde – e revela -: “Também Eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra ficará desligado no Céu” (Mt 16, 13-20).

Já depois de ressuscitado Jesus aparece aos Apóstolos nas margens do Lago de Tiberíades, estando eles a pescar – neste caso naquela noite não tinham apanhado nada. Depois de lhes ter dito para lançarem a rede para outro lado é João que dá o sinal: “É o Senhor!”. A pesca é abundante, comem todos juntos e depois Jesus, a sós com Pedro, pergunta-lhe: “Simão, tu amas-Me?”. É à terceira vez que Pedro responde, já entristecido e intrigado com a insistência do Mestre: “Senhor, Tu sabes tudo, bem sabes que Te amo!”. E, aí, Jesus confirma: “apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 1-19).

Estas duas passagens são fundamentais para percebermos várias coisas. Em primeiro lugar que a Igreja não é uma invenção humana, uma organização saída da inteligência (ou da ambição e ganância) de um homem ou uma iniciativa de um conjunto de conspiradores. Desde o princípio é clara a intenção de Jesus: é Ele que edifica a Igreja, que a

deseja, que escolhe quem está à sua frente e a governa. É Ele que lhe define a missão e a sustenta nesse caminho. É por causa d'Ele que ela existe, e para Ele que ela vive.

A Igreja é santa porque é de Deus, e Deus é Santo. Diz o Concílio Vaticano II de forma muito clara na Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*: “A nossa fé crê que a Igreja, cujo mistério o sagrado Concílio expõe, é indefectivelmente santa. Com efeito, Cristo, Filho de Deus, que é com o Pai e o Espírito o único Santo”, amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar (cfr Ef. 5, 25-26) e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus” (LG, 39).

Pela escolha de São Pedro (e de cada um dos Apóstolos – e todos os discípulos) ficamos com a clara noção de que não são as suas qualidades, capacidades, feitos ou conquistas que sustentam a Igreja. Não foi por terem um currículo impecável (certamente não tinham!) ou serem seres humanos extraordinários (eram pessoas normais, pescadores, cobradores de impostos). Pedro duvidou, negou, fugiu. Falava Jesus da Sua Paixão e os discípulos disputavam o primeiro lugar. Foi crucificado, abandonado por quase todos. Eram homens pecadores e foi, contudo, a estes que Jesus escolheu. Porquê? Em comum tinham algo. Todos aceitaram a sua misericórdia. Aquilo que os uniu a todos foi o facto de que foram tocados pelo amor de Deus, deixaram que Deus os santificasse, os salvasse. Disse o Papa Francisco numa Audiência Geral em 2013: “Cristo amou a Igreja, entregando-se totalmente na cruz. E isto significa que a Igreja é santa porque procede de Deus que é santo, que lhe é fiel e não a abandona ao poder da morte e do mal (cf. Mt 16, 18). É santa porque Jesus Cristo, o Santo de Deus (cf. Mc1, 24), se une a ela de modo indissolúvel (cf. Mt 28, 20); é santa porque se deixa guiar pelo Espírito Santo que purifica, transforma e renova. Não é santa pelos nossos méritos, mas porque Deus a torna santa, é fruto do Espírito Santo e dos seus dons” (Audiência Geral do Papa Francisco, 2 de outubro de 2013).

Jesus quer homens assim, a Igreja edifica-se com pessoas assim: pecadores, mas pecadores arrependidos, abraçados por um Amor muito maior do que o pecado. Gente humilde, que leva a sério a missão que Deus lhes confia. Um povo que luta todos os dias pela santidade, na exigência do caminho de cruz. São Paulo di-lo melhor quando afirma: “Trazemos em vasos de barro o tesouro do nosso ministério, para que se reconheça que um poder tão sublime vem de Deus e não de nós” (2Cor 4,7). A Igreja é no mundo algo admirável: um exemplo real e palpável de como um grupo de pecadores é instrumento de santidade para todos.

Assim percebemos com mais serenidade que sim, a Igreja pode e deve continuar a sua missão apesar dos pecados dos seus membros. Isto em nada nos demove da luta contra o pecado que nos cerca, e nos fere mesmo dentro da própria Igreja. Gravíssimo é o escândalo que membros da Igreja cometem, sobretudo contra os mais pequenos e desprotegidos. A Igreja já pediu a Deus perdão e segue empenhada no ministério de cura e reconciliação. Um caminho exigente e doloroso, mas necessário para reparar o mal cometido. Mas a Igreja não perde credibilidade ou santidade, porque essas são-lhe conferidas por Deus. Deus é digno de fé, Deus é santo e faz-nos participar dessa santidade.

Da nossa parte o que nos é pedido então?

1. **Oração, oração e oração.** Não há nada mais eficaz do que pedir a Deus pela conversão. Devemos rezar todos os dias pela conversão dos pecadores, com a consciência que “os pecadores” somos também nós. Quando perguntaram a Santa Teresa de Calcutá o que mudaria na Igreja, ela disse imediatamente: “mudava-me a mim mesma”.

2. **Correcção fraterna.** É uma obra de misericórdia espiritual: “corrigir com caridade os que erram”. Se amamos os nossos irmãos temos o dever de os corrigir, ou entregar o caso à Igreja para que como Mãe e Mestra os corrija. Pactuar com o pecado é pecar também. O silêncio pode fazer apenas alastrar um mal.

3. Conversão pessoal, para elevar a Igreja. Quando falamos dos pecados da Igreja, ou dos pecadores dentro da Igreja, olhar em primeiro lugar para cada um de nós. Ser implacável com o pecado – o nosso ou dos outros – e misericordioso com os pecadores. Ser uma Igreja que é lugar de acolhimento e perdão a todos, sobretudo os que estão mais distantes ou feridos. Ir ao encontro dos que estão fora, magoados, desiludidos ou revoltados contra a Igreja.

Sobretudo devemos dar graças todos os dias pelas maravilhas que Deus continua a fazer na sua Igreja Santa, com a humildade de saber que nós somos instrumentos débeis e frágeis, mas ainda assim a misericórdia divina consegue chegar a todos, porque “nada nos separará do amor de Deus” (Rom 8, 39).

PONTOS DE DISCUSSÃO

Podemos dizer que a Igreja é santa e pecadora ao mesmo tempo? Ou tem membros pecadores? É a mesma coisa?

Os escândalos na Igreja afetam a sua credibilidade? Devia deixar de pregar o bem, a justiça, o amor aos mais desprotegidos?

O que fazer para que os membros da Igreja não pequem? É importante pedir desculpa?

De que maneira posso ter uma atitude de correcção fraterna sem ser paternalista?

PONTOS DE ORAÇÃO

O que sinto diante dos escândalos cometidos ao longo dos anos por tantos membros da Igreja? O que me sugerem estas palavras tão duras de Jesus? “Se alguém escandalizar um destes pequeninos que crêem em Mim, seria preferível que lhe suspendessem do pescoço a mó de um moinho e o lançassem nas profundezas do mar” (Mt 18, 6). O que é causar escândalo?

Ao mesmo tempo, percebo que só a misericórdia de Deus pode curar estas feridas. Como posso ser também parte desta cura?

Como posso crescer concretamente no amor à Igreja, amando-a exactamente sabendo que ela é composta de pecadores? E como manter a confiança e a obediência, como gesto de amor e verdadeira liberdade?

Rezo pela minha conversão, sabendo que quando peço, mesmo pecados escondidos, é todo o Corpo da Igreja que sai ferido?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Cada um faça um percurso da sua vida de santidade: desde o baptismo até agora, os pontos altos: sacramentos, acontecimentos em Igreja, obstáculos ultrapassados; os pontos fracos: pecados mais graves ou recorrentes, fases piores da vida. Ver como apesar de vasos de barro, trazemos um tesouro da graça de Deus que nos dá esperança.

No meio de tantas críticas à Igreja procuro valorizar o que ela tem de bom. Estou atento este mês à acção missionária da Igreja, ao que o Papa diz semanalmente, às intenções de oração que são propostas nas Missas.

Estudo a vida de um Santo: a Igreja é santa e composta por pecadores, mas os santos são feitos destes homens e mulheres pecadores. Aprendo a conhecer mais profundamente um santo do qual pouco saiba e retiro alguns aspectos da sua vida que são úteis para o meu caminho.

PARA APROFUNDAR

Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, (Cap V - A vocação de todos à Santidade na Igreja).

Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (Cap I e IV).

Audiência Geral do Papa Bento XVI de 13 de abril de 2011, sobre a Santidade.

Audiência Geral do Papa Francisco de 2 de outubro de 2013, sobre a Igreja Santa.

ORAÇÃO FINAL | Oração pela Igreja

Suba até vós,
Pai Omnipotente,
a oração deste povo
que filialmente Vos adora,
celebra e ama.
Confirmai, Senhor, a nossa fé.
Concedei-nos a força
de a professarmos com sinceridade
e a difundirmos
com entusiasmo entre os homens,
Vossos filhos e nossos irmãos.
Dai-nos, Pai Clementíssimo,
a esperança que não engana
e que nos garante o ministério
da Igreja Santa do Vosso Filho
e Senhor Nosso Jesus Cristo.
Confirmai-nos na caridade
que supera todo o bem,
difundida no nosso coração
pela graça inefável do Espírito Santo.
Iluminai, Senhor, os nossos pastores,
para que, unidos à Sé de Pedro,
dêem novo impulso
à evangelização no mundo.
Alente a nossa oração
à intercessão materna
de Maria Santíssima
e dos Santos, nossos protectores.
Ámen.

BALANÇO COMO É QUE EM EQUIPA SERVIMOS A IGREJA

JULHO



BALANÇO

“O crescimento na relação com Deus dá-se por meio de uma autorrevelação mútua”

Maureen Conroy, R.S.M.

ORAÇÃO INICIAL

Antes de rezarmos a oração em conjunto, fazemos um momento de silêncio para nos apercebermos da Presença de Deus. Todas as avaliações devem começar com uma consciencialização da Presença de Deus, que tem sobre nós um olhar de ternura.

Senhor,
Diante de Ti, Pai, me entrego com todo o meu ser,
Diante de Ti, Jesus, me entrego com toda a minha humanidade,
Diante de Ti, Espírito Santo, me entrego com todo o meu espírito.
Que esta oblação do meu ser, corpo e espírito possa pôr-me totalmente ao Teu dispor.

Com as Tuas mãos molda-me!

Amo-Te, Senhor, meu Rei, e por isso entrego-me para que façais de mim o que quiseres.

Faz de mim o que quiseres,

E eu irei falar de Ti com a minha vida.

Ámen.

TEMA

Escrever o tema dedicado ao balanço pode parecer tão repetitivo quanto realizá-lo todos os anos. Mais um ano, mais um balanço, mais uma vez a questão do “porquê” de existir esta reunião.

As Equipas são um Movimento que já existe desde 1976, por isso há quarenta e três anos. Pode-se dizer que ainda temos muito para andar, mas a verdade é que, ao longo destes anos todos, foi-se

procurando **apurar a reunião de equipa**, não mudar nem transformar, mas afinar aos tempos que vão correndo no Movimento. E, chegados a 2019, eis que temos um mês em que somos chamados a fazer um balanço da equipa. Estranho... Porque normalmente este género de coisas associamos mais a tempos passados... O que se quer agora é formar, aprender, crescer na fé (nas suas dimensões pessoal e comunitária, espiritual e racional, etc.), discutir, comentar, ... E tudo isso é bom e desejável! É para isso que temos equipas. Mas, de repente, aparece aqui no meio um tema que parece que não se enquadra no resto... Uma espécie de intervalo (ou lombada?) que surge mais ou menos desprevenido.

O “porquê” de existir uma reunião de Balanço

Quer sejamos uma equipa de veteranos, que já leva mais de cinco anos de Movimento e permanece firme nisto, quer sejamos uma equipa que se está a aventurar pela primeira vez neste mundo dos Cadernos de Temas, acabadinhos de nos comprometer com as EJNS, perceber o “porquê” de haver uma reunião dedicada ao Balanço nunca é de mais. Aliás, constitui o primeiro passo de uma renovação de compromisso! Sim, para todos!

Nas nossas vidas, é uma “necessidade imperiosa”, diz o Papa Francisco, cultivar o discernimento. Citando o ponto 167 da Exortação *Gaudete et exsultate*, o Papa escreve: “Hoje em dia, tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida actual oferece-nos enormes possibilidades de acção e distracção, sendo-nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas.”

E como o que o Papa aqui escreve não é mais uma chamada de atenção cliché sobre como o facto de as coisas passarem rapidamente por nós pode ser perigoso, remata com o seguinte no ponto 169: “O discernimento não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; é um instrumento de luta, para seguir melhor

o Senhor. É-nos sempre útil para sermos capazes de reconhecer os tempos de Deus e a Sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o Seu convite a crescer.”

O tema de Balanço serve precisamente como porta de entrada para o discernimento, dando espaço para, em Equipa, percebermos como temos andado a servir o Senhor nosso Deus. Por isso, mais do que discutir, aprender, etc., o balanço vai dar sentido a tudo isto, e dar lugar às Equipas na nossa vida: o da nossa equipa e o das actividades do nosso Movimento. Balancear é servir a Igreja com sentido e, acima de tudo, é responder a Deus!

O balanço como exame de consciência

Nenhum caminho pode ser feito sem umas paragens a meio. O exemplo mais básico é mesmo o do carro: ninguém faz uma viagem longa sem ter de parar a meio para reabastecer. Na vivência da nossa relação com Deus (que comumente chamamos de fé), essas paragens chamam-se “exame de consciência”. Apesar de ser “exame”, não tem nota final, e, apesar de ser “de consciência” não é suposto ser uma coisa pesada (nem pesarosa!). É uma oração, e por isso é um exercício de liberdade: somos mais livres quanto mais rezamos, e a maneira de sabermos se estamos a ir no bom caminho é ir examinando os nossos dias. Em equipa, isso chama-se “balanço”.

O exame de consciência tem vários passos, nomeadamente:

I. **Tornar-me consciente da Presença de Deus** e do amor com que me olha;

II. **Gratidão**: identificar os dons que o amor de Deus me concedeu;

III. **Petição**: pedir a Deus a percepção e a força que façam do exame uma obra da graça, que dê frutos muito para lá das minhas capacidades;

IV. **Revisão**: rever o dia com Deus. Procurar as agitações do meu coração e os pensamentos que Deus me inspirou neste dia. Procurar também que pensamentos tive que não provieram de Deus, revendo as minhas escolhas em reposta a ambos.

V. **Perdão:** pedir a Deus que me perdoe e que, com amor por mim, remova os pesos do meu coração.

(Adaptado do livro “A oração do Exame”,
Timothy M. Gallagher, O.M.V.)

Em todo este processo, que é exigente, devemos fazer um verdadeiro esforço para dar nome àquilo que sentimos.

Posto isto, mãos à obra!

[Nesta fase, caso seja necessário, podemos voltar à oração inicial, ou renovar de outro modo a nossa consciência da Presença de Deus. Além disso, os pontos que se seguem são meras linhas orientadoras, não tendo que ser necessariamente usados.]

Vida nas EJNS: que dons, agitações e pensamentos?

I. A equipa, núcleo forte:

a. Como tem sido a minha vivência na equipa? Tenho vindo às reuniões? Respondo aos apelos que a equipa me faz? Vejo na equipa pessoas em quem posso confiar? As Equipas têm-me ajudado a crescer na fé? Durante o jantar em equipa tenho um sentimento de paz ou de angústia? E durante a reunião? E depois da reunião, quando estou a voltar a casa? Como interpreto estes sentimentos? Que dons tenho recebido da minha equipa?

II. A reunião de equipa:

a. Como é a minha oração? É algo concreto ou, pelo contrário, é ainda indefinida? Estou feliz com a maneira como tenho rezado? Se não tenho rezado, como é que isso me deixa? Se tenho rezado, como é que isso me deixa? Como tem evoluído a minha oração? Tenho crescido na fé, esperança e caridade? Tenho crescido no amor a Jesus? Estou mais atento aos outros, lembrando-me do que me confiam ou ajudando quando vejo que precisam mas não pedem? Como trato o ambiente? E os pobres?

b. Como é a minha partilha? Preparo-a? Vejo na minha partilha e na dos outros algo sagrado, que deve ser respeitado e olhado com o olhar do Senhor? A minha partilha serve Jesus?

c. Como vivo o Ponto de esforço?

III.O Movimento:

a. No Movimento, estou a par das actividades do sector? Como vejo estas actividades propostas? Se vou, qual a minha postura? Como é que isso influencia a minha vida dentro da própria equipa? Se nunca fui, qual a razão? Alguma vez saí de algum encontro com um sentimento mau? O que fiz?

IV.O caderno de temas:

a. O caderno de temas tem-me ajudado? O que me chamou mais a atenção até agora? Tenho percebido a discussão dos temas? Já alguma vez mudei uma atitude na minha vida por causa de algum tema?

V. Reflexão final:

a. As equipas fazem sentido na minha vida?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Dado ser uma reunião de balanço, seria bom a própria Equipa decidir o ponto de esforço que mais se adequa.

Escrever uma oração de oblação/de ação de graças.

Ler um livro espiritual durante as férias.

Fazer o exame de consciência todos os dias, de forma a responder cada vez melhor aos apelos que Deus me faz e a amá-Lo cada vez mais.

PROPOSTA DE LEITURA PARA AS FÉRIAS

Evangelho quotidiano

Caderno de oração de Verão (é em formato digital – ir a www.ejns.pt ou estar atento às redes sociais)

“Textos para rezar”, Padre Nuno Tovar de Lemos, sj

Exortação Gaudete et exsultate, Papa Francisco

“A oração do Exame”, Timothy M. Gallagher, O.M.V.

“História de uma alma”, Santa Teresa do Menino Jesus

ORAÇÃO FINAL

Senhor, porque só eu não sou nada, que eu saiba por Tua graça:

Na simplicidade ser verdadeiramente simples,

Na humildade ser verdadeiramente humilde,

Na pobreza ser verdadeiramente pobre,

No serviço ser verdadeiramente servo,

Em Ti ser totalmente despojado para só fazer a Tua vontade.

Ámen.

A IGREJA E OUTROS CRENTES, PAZ NO MUNDO

SETEMBRO



A IGREJA E OUTROS CRENTES, PAZ NO MUNDO

ORAÇÃO INICIAL | Leitura

“Irmãos, sabeis que Deus me escolheu, desde os primeiros dias, para que os pagãos ouvissem da minha boca a palavra do Evangelho e abraçassem a fé. E Deus, que conhece os corações, testemunhou a favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo como a nós. Não fez qualquer distinção entre eles e nós, visto ter purificado os seus corações pela fé.” (At 15, 7-9)

TEMA

A Igreja e os não crentes – Um desafio desde o início

“A Igreja, que tem a sua origem no amor do eterno Pai, foi fundada, no tempo, por Cristo Redentor, e reúne-se no Espírito Santo, tem um fim (...) [que] só se poderá atingir plenamente no outro mundo. Mas ela existe já atualmente na terra, composta de homens que são membros da cidade terrena e chamados a formar já na história humana a família dos filhos de Deus, a qual deve crescer continuamente até à vinda do Senhor.” (Gaudium et Spes, 40)

A Igreja foi fundada por Jesus no mundo, e é essencial a sua presença no mundo para a salvação dos homens. Esta presença traz uma quantidade grande de coisas que não conseguimos explicar. Uma delas é a seguinte: Porque é que esta imagem de Jesus na Terra, a Igreja, está dividida? Porque é que temos outros irmãos cristãos que não estão em união connosco?

E mesmo para além da Igreja: os homens que não são cristãos? Os nossos irmãos judeus e muçulmanos que acreditam no mesmo Deus que nós? E aqueles que não acreditam no mesmo Deus que nós? Qual é o seu papel na história de salvação?

Esta dúvida está presente desde o início da Igreja: A história do Concílio de Jerusalém (At 15) pode ser vista como sendo a história da primeira vez que a Igreja reconhece este embate: Os primeiros cristãos, que eram na sua maioria judeus, viram-se confrontados com a adesão de vários gentios aos mandamentos de Jesus, mas ficaram com a dúvida de se estes novos cristãos teriam de seguir os ritos judaicos ou não.

São Pedro, São Paulo e São Tiago são três santos que nós sabemos que estiveram nesta primeira reunião maior da Igreja, que teve um impacto gigantesco naquilo que viria a ser o Cristianismo: se hoje não seguimos à risca os preceitos judeus, é por causa desta primeira grande reunião da Igreja, que opôs estes grandes Santos desse tempo.

A partir desse momento, a história da relação da Igreja católica com os outros crentes é uma história que tem três ritmos diferentes: **a relação da Igreja com os outros cristãos, a relação da Igreja com os judeus e com os muçulmanos, e a relação da Igreja com as restantes religiões.**

A Igreja católica e os outros cristãos – À procura da unidade perdida

“Todos, na verdade, se professam discípulos do Senhor, mas têm pareceres diversos e caminham por rumos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido. Esta divisão, porém, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura.” (*Unitatis Redintegratio*, 1)

Um facto que deveria chocar-nos profundamente porque é gravíssimo, mas ao qual já nos habituámos: houve vários momentos na História em que a Igreja se dividiu e as partes continuaram a sua missão em separado. Desde o início da Igreja Assíria do Oriente, que

foi a primeira unidade a aparecer como distinta depois do Concílio de Éfeso (431 d.C.), até às Igrejas que apareceram por altura da Reforma (séc. XVI). Tratam-se de mais de 1000 anos de histórias de separação!

No século XX, todo o mundo cristão apresentou uma grande vontade de recomeçar um diálogo sério em direção **à unidade**. As enormes mortandades das duas guerras mundiais demonstraram que o mundo cristão se tinha esquecido de como se fala. Foram criados vários fóruns mundiais de igrejas cristãs para retomar este diálogo e tentar reunir a Igreja de Jesus.

Com este contexto, a Igreja católica decidiu participar neste movimento global e definiu a unidade da Igreja de Cristo como uma prioridade máxima, tendo sido um dos temas endereçados pelo Concílio Vaticano II.

Dizer que a Igreja católica não fez nada de errado e estarmos à espera que os nossos irmãos se juntem a nós seria uma falta de humildade gigantesca, que não tem em conta que a Igreja, apesar de Santa, é composta também por pecadores e “que os seus pecados constituem igualmente traições e obstáculos à realização dos desígnios do Salvador” (Ut Unum Sint, 3). A procura da reunião da Igreja de Cristo requer uma postura ativa de diálogo com os nossos irmãos cristãos. A Igreja tem procurado esta reunião em vários momentos, que não deixam de ser notícia nos nossos meios de comunicação.

Paradoxalmente, é com os nossos irmãos que estão afastados de nós há mais tempo que conseguimos mais facilmente ter um discurso de reunião que tem tido resultados. O diálogo com os nossos irmãos ortodoxos, em particular, tem tido vários momentos de grande sucesso e muito encorajadores: os últimos três Papas reuniram com membros de igrejas ortodoxas e fizeram declarações conjuntas que apontam um caminho de reconciliação que, apesar de potencialmente longo, está a ser percorrido.

Virando-nos para dentro, reparamos que esta preocupação começa a ser precisa dentro da própria Igreja. A crescente divisão na Igreja é cada vez mais visível, e temos de aprender as lições ecuménicas dentro da própria Igreja. Não chega construirmos um grupo dentro da Igreja que quer a Santidade, temos de participar na Igreja e tentar caminhar em conjunto em direção ao Céu. A barca de Pedro não pode ser substituída por uma frota de pequenas jangadas, porque senão não sobreviveremos ao mínimo mau tempo que haja.

Isto não implica que não tem cada um a sua missão diferente das dos outros:

Precisamos de navegadores? Sem dúvida!

Homens do leme? Venham eles!

Sabes remar? Sobe!

Mas temos de estar todos no mesmo barco, senão não temos a força para atravessar o Oceano que é a vida da Igreja.

A Igreja, os judeus e os muçulmanos – Seguidores do mesmo Deus

“A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios.” (*Nostra Aetate*, 4)

“A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onnipotente, criador do céu e da terra (5), que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca.” (*Nostra Aetate*, 3)

Jesus era judeu. Todos nós sabemos este facto. Sabemos também que os primeiros cristãos também tinham sido judeus.

A história da Salvação do Homem está intimamente ligada a este povo, que foi o primeiro recetor da mensagem de Deus. Foi um profeta judeu quem primeiro falou do Messias, foi nos textos judeus que se escreveu que Jesus viria a aparecer. O nosso Antigo Testamento é o mesmo texto que alguns dos nossos irmãos judeus liam. Neste sentido, é uma enorme insensibilidade não reconhecer que os cristãos e os judeus têm muito em comum, e que podem trabalhar essa herança comum para em conjunto chegar à Verdade.

No mesmo sentido, também os nossos irmãos muçulmanos bebem da mesma herança comum. Os próprios árabes, o povo do qual nasceria o Islão, identificam-se como descendentes de Ismael, o filho de Abraão com a escrava Agar. Neste sentido, não podemos deixar de ser interpelados pela profecia que Deus faz a Abraão de fazer dos descendentes de Ismael uma nação (Gn 21:13), e de reconhecer os muçulmanos como participantes também do plano de Deus.

Isto não implica necessariamente ir para o meio dos muçulmanos e procurar convertê-los (embora haja grandes santos que o tenham feito). Se achamos que os estados islâmicos são particularmente violentos contra os cristãos e que a única atitude possível é o conflito, o que dizer dos romanos nos primeiros anos do Cristianismo? E, no entanto, a Igreja prevaleceu sobre Roma sem um único exército.

Deveremos se calhar seguir o exemplo destes primeiros cristãos: **Ser o mais santos possível, não participar dos erros dos outros, falar de Jesus sempre que nos seja perguntado com a alegria e a felicidade de quem segue o Caminho, a Verdade e a Vida, e dar testemunho d'Ele com a nossa vida sempre.** Se a nossa missão passar por dar esse testemunho aos muçulmanos, não hesitar e não ter medo. Sejamos felizes porque Ele está connosco.

Outros crentes – O campo fértil da missão

“A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser «sacramento universal de salvação», por íntima exigência da própria

catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. Já os próprios Apóstolos em que a Igreja se alicerça, seguindo o exemplo de Cristo, «pregaram a palavra da verdade e geraram as igrejas». Aos seus sucessores compete perpetuar esta obra, para que «a palavra de Deus se propague rapidamente e seja glorificada (2 Tes 3,1), e o reino de Deus seja pregado e estabelecido em toda a terra.” (Ad Gentes, 1)

“A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, «caminho, verdade e vida» (Jo. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas.

Exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores socioculturais que entre eles se encontram.” (Nostra Aetate, 2)

Dos últimos pedidos de Jesus foi “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.” (Mt 28, 19-20). E foi desta missão de batizar o mundo inteiro que a Igreja nasceu, não de um povo ou de uma conquista militar, ao contrário de outras religiões.

A história da missão da Igreja só pode ser honestamente descrita como uma história de sucesso: algumas centenas de judeus conseguiram converter um dos maiores impérios da história da humanidade. Depois, quando este império caiu, a Igreja sobreviveu e prosseguiu a sua missão. Passados 500 anos, a Igreja estendeu a

sua missão a todos os cantos do mundo e o resultado é que, hoje em dia, 30% da população mundial é cristã, e o Cristianismo tem uma presença notável em quatro dos cinco continentes e é fortemente maioritário em três.

Evidentemente que não se trata de números ou de força na Terra, mas o facto é que **esta mensagem de alegria e de verdade é contagiante** para quem entra em contacto com ela e sempre foi o objetivo da Igreja levá-la para todos os lados.

A história desta missão passou por vários crentes que deram a sua vida para salvar as almas dos seus irmãos. Vários testemunhos muito tocantes de **exemplos de fé** são resultado de perseguições a missionários, como por exemplo os missionários do Japão, que depois de um breve período de sucesso foram brutalmente perseguidos quando os governantes do Japão mudaram de opinião sobre os cristãos e lançaram uma feroz repressão.

No entanto, esta história passa também pelo **respeito por aqueles que creem em algo diferente**. Os missionários bem-sucedidos, desde os primeiros cristãos, são reconhecidos como homens bons nos locais onde fazem missão, e isto decorre diretamente de ser imagem de Cristo. Para podermos pensar em ajudar os outros, temos de nós próprios ser fiéis a Jesus, e esta fidelidade não permite um confronto violento com os outros, mas um diálogo respeitoso que possa ter frutos.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Qual é a nossa experiência de relação com as pessoas que não acreditam?

Como podemos, enquanto católicos, convidar os nossos amigos, colegas ou familiares que não acreditam no mesmo que nós a um diálogo acerca da fé? Que frutos podem sair daí?

Como conciliar a postura de diálogo com a persistência na conversão da pessoa com quem estamos a falar? (Note-se que a persistência na conversão não é necessariamente uma insistência explícita em que afirmamos verbalmente ao outro a cada 5 segundos que tem de se converter!)

O que é que nos mostram os santos? Conhecemos algum exemplo de um santo que tenha participado num diálogo inter-religioso? O que aprendemos com ele?

Se ninguém conhecer, usem o exemplo de S. Francisco de Assis, que foi para as Cruzadas não para batalhar com os muçulmanos, mas para tentar falar com o sultão e convertê-lo. O sultão ouviu-o, ficou impressionado, e soltou-o, ganhando um enorme respeito pelos cristãos, quando a maior parte das pessoas temia que Francisco fosse simplesmente executado pelo sultão e usado como exemplo.

Podemos apresentar uma imagem fiel de Jesus aos outros se não vivermos fielmente a mensagem de Jesus? O que é que a preocupação com os não-crentes implica para a minha vida de fé enquanto crente?

Estes passos de respeito mútuo e atenção ao outro também se aplicam ao diálogo dentro da Igreja?

Qual é a relação de tudo isto com uma mensagem de paz no mundo?

PONTOS DE ORAÇÃO

Como é que me vou esforçar para ser melhor na minha relação com aqueles que não creem? O que é que me falta melhorar?

Que tipo de missão é que Jesus quer de mim? Quem é que são as pessoas pelas quais posso rezar e que posso ajudar a levar para o Céu?

A unidade com os nossos irmãos passará sempre pela unidade com Cristo. O que é que me falta para atingir esta unidade?

Peço a Jesus a paciência para conseguir falar com os meus irmãos não-crentes sem desesperar, a fé que me permita não temer a opinião do outro, e a diligência de não desistir daqueles que são a minha missão.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Procurar perceber o que é que um amigo não-crente pensa acerca da nossa Fé. Discutir em equipa.

Rezar semanalmente em equipa pelos nossos missionários.

Ver o filme “Quo Vadis” em equipa (ou ler o livro). Deixar-se contagiar pelo exemplo dos primeiros cristãos.

PARA APROFUNDAR

Concílio Vaticano II: *Gaudium et Spes, Unitatis Redintegratio, Nostra Aetate*.

Papa São João Paulo II, *Ut Unum Sint*

Comissão Internacional Conjunta para o Diálogo Teológico entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa, Declaração de Ravenna

Congregação para a Doutrina da Fé, *Dominus Iesus*

Act 10; Act 15

Henryk Sienkiewicz, *Quo Vadis*

Shusaku Endō, *Silêncio* (há um guia na partilha de março de 2017 para ajudar na leitura deste livro, peçam-no em partilha@ejns.pt)

ORAÇÃO FINAL

Ó Santa Teresinha, sois exemplo de simplicidade e de humildade e sempre vos colocastes nas mãos do Pai.

Intercedei junto a Deus para que os homens compreendam o vosso caminho, que leva ao Céu, para que, vencendo o egoísmo e o orgulho, possam construir um mundo melhor e conquistem os povos para o Reino de Cristo pelo amor, justiça e paz.

Fazei com que os homens compreendam a mensagem do Evangelho sejam atraídos a viverem o ideal cristão do amor pelo espírito de desapego e doação.

Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das missões, rogai por nós e protegei os missionários.

Ámen.

AOS QUE MAIS NECESSITAM IGREJA DE PORTAS ABERTAS

OUTUBRO



AOS QUE MAIS NECESSITAM – IGREJA DE PORTAS ABERTAS

ORAÇÃO INICIAL | Evangelho Segundo São Lucas (Lc 10, 25-37)

“Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o experimentar: “Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?” Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na Lei? Como lê?” O outro respondeu: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem; faz isso e viverás.” Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Tomando a palavra, Jesus respondeu: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagarto-ei quando voltar.’ Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” Respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele.” Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também o mesmo.”

Durante uns minutos de silêncio, procuro imaginar a cena e colocar-me no lugar deste samaritano, que seguindo viagem, encontra um homem caído e abandonado no meio da estrada e diante do qual experimenta um apelo a aproximar-se dele. Trago à memória as situações e realidades por onde passo no meu dia a dia – em casa, nos

estudos, no trabalho, entre amigos – procurando identificar pessoas ou momentos onde identifique situações de necessidade, sofrimento, fragilidade ou vulnerabilidade.

Reunidos em equipa, colocamos as nossas intenções diante de Deus, partilhando numa frase ou palavra aquilo que ao longo deste momento de oração nos veio à memória, ao coração. Terminamos este momento, rezando juntos um Pai Nosso e uma Ave Maria, pedindo ao Senhor que nos dê a Graça de reconhecermos, cada dia, o nosso próximo e a coragem necessária para ir ao seu encontro.

TEMA

Desde o início do seu pontificado que o Papa Francisco nos desafia, continuamente, **a sermos uma “Igreja em saída”, de portas abertas.** Lugar de acolhimento e misericórdia para todos, principalmente para os mais necessitados.

Ao reflectirmos sobre este tema, poderemos ter a tentação de centrar automaticamente o nosso foco neste apelo que o Papa nos faz: **“ser Igreja de Portas Abertas”.** No entanto, compreender a dimensão deste chamamento no concreto da nossa vida exige que olhemos e contemplemos com igual atenção a primeira parte da frase que nos é proposta, arriscando fazer interiormente a pergunta: **na minha vida, “quem são os mais necessitados?”.**

Tal como não existe cura sem doente, nem perdão sem pecador, como poderemos nós saber o que é “ser Igreja de Portas Abertas”, se não colocarmos um rosto, um nome ou uma identidade, em todos aqueles **a quem somos chamados a abrir a porta da Misericórdia de Deus?**

O apelo que o Papa nos lança, pede uma resposta completa a uma realidade concreta – **pede-nos que levemos o próprio Cristo a cada necessitado.** Mas é o próprio Papa que nos alerta que “não é

automático que os que frequentam a casa de Deus e conhecem a sua misericórdia saibam amar o próximo”, pois na passagem que acabámos de meditar, até o sacerdote passou ao largo daquele homem caído na estrada. Diante desta realidade, o Papa relembra-nos que, na verdade, “tu podes conhecer a Bíblia inteira, podes conhecer todas as rubricas litúrgicas, podes conhecer toda a teologia, mas do conhecer não nasce espontaneamente o amar”.

O desafio presente ao longo da reflexão deste tema será então tornarmo-nos peregrinos da “estrada da misericórdia”, aprendendo com o bom samaritano a reconhecer quem é o nosso próximo e a ser para ele testemunha do próprio Cristo.

Aos mais necessitados

Ouvir e reconhecer o “grito” dos mais necessitados.

“O que significa ignorar o sofrimento do homem? Significa ignorar Deus!”

Papa Francisco

Nos dias de hoje, infelizmente, **não é difícil reconhecer que existem inúmeras realidades e pessoas em situação de necessidade.** Todos os dias, somos bombardeados com notícias tristes e avassaladoras, vindas de todas as partes do mundo. Torna-se quase comum ouvir falar de situações de guerra, fome, sofrimento, pobreza e exclusão. São cada vez mais, e mais próximas, as histórias de abandono, desespero, sofrimento, solidão e depressão à nossa volta. No entanto, **nem sempre nos deixamos tocar e mover verdadeiramente por este “grito”.**

Acontece que no meio de todas estas realidades frágeis e vulneráveis, **há uma “necessidade” que é comum a todos os corações: a sede de amar e ser amado.** Este é o mais profundo estado de necessidade que habita o coração do Homem, é o lugar que realmente nos coloca em sintonia com as diferentes realidades nos quatro

cantos do mundo. É o lugar a partir do qual podemos reconhecer e ouvir verdadeiramente o coração dos mais necessitados. **Na verdade, as situações de necessidade são tantas, quantos corações existem no mundo.**

Nesta descoberta de uma “sede” que é partilhada por todos, somos capazes de passar de um olhar distante para “eles” (os mais necessitados) – para uma atenção especial ao “nós”, onde também eu me reconheço sedento d’Aquele único que é capaz de preencher verdadeiramente o vazio, a necessidade, do meu coração.

Chamados a discernir onde e a quem chegar

“Deus depende de nós para amar o mundo e demonstrar-lhe o muito que o ama”

Papa Francisco

A primeira porta que sou chamado a abrir é a minha: a porta do meu coração. Sou chamado a saber-me “o mais necessitado”, para poder fazer a experiência de ser “o mais Amado por Deus”. Só a partir daí posso arriscar levar o Amor de Deus aos outros, pois só posso dar aquilo que recebi. Esta é a primeira resposta ao apelo que o Papa nos faz: que na nossa vida **façamos a experiência do Amor e Misericórdia de Deus e que nos saibamos parte desta igreja de portas abertas.**

Ao fazer experiência de me saber verdadeiramente Amado por Deus, abro caminho para que o Senhor me tire o coração de pedra, e me dê um coração de carne (Ez 11, 19-20), para que eu possa **“sentir com o mundo” e deixar-me compadecer pelo sofrimento de Deus no meio dele.**

Na verdade, Deus deseja ser reconhecido e amado nos quatro cantos do mundo. E precisa de nós para o fazer. Precisa que eu reconheça o lugar onde Ele se quer fazer presente através da minha vida, **pois não somos todos chamados às mesmas realidades, à mesma missão ou vocação.**

É frequente que na nossa vida, tenhamos, por vezes, dificuldade em perceber “quem é o nosso próximo” – **a quem sou chamado a abrir a porta?** Para dar resposta a esta pergunta, o Papa convida-nos a “tentar fazê-lo, escutando a Deus na oração e identificando os sinais que Ele te dá. Pede sempre, ao Espírito Santo, o que espera Jesus de ti em cada momento da tua vida e em cada opção que tenhas de tomar, **para discernir o lugar que isso ocupa na tua missão**”.

Este convite a fazer discernimento não é mais do que aprender a compreender o modo como Deus nos fala interiormente, aprendendo a ler o que se passa dentro de nós e as interpelações que nos surgem a partir do que vai acontecendo no mundo.

Foi esta atenção ao detalhe discernida com o Senhor que compadeceu o samaritano e o levou ao encontro daquele homem caído. Os outros dois “viram”, mas os seus corações permaneceram fechados, insensíveis. Ao contrário, **o coração do samaritano estava sintonizado com o coração do próprio Deus.**

É urgente deixarmo-nos desinstalar pelos apelos que Deus nos vai fazendo na nossa vida. Somos chamados a tomar consciência de que o Senhor se serve de tudo o que “mexe” connosco, para nos revelar o seu apelo a “fazer alguma coisa com isso”. Não deixemos que isso nos passe ao lado, **pois é precisamente nesses momentos que nos encontramos cara a cara com o nosso próximo.**

Ser Igreja de Portas Abertas

“É assim que a Igreja deve ser reconhecida em todos os cantos da terra: como guardiã de um Deus que bate à porta, como o acolhimento de um Deus que não te fecha a porta na cara com a desculpa de não seres de casa.” Papa Francisco

Do museu à realidade: ser igreja de verdade

Todas as realidades do mundo têm um lugar no coração de

Deus. E tal como o Papa Francisco nos diz, Deus quer ser reconhecido através da Igreja “em todos os cantos da terra”. Para Deus, **não existem fronteiras quando se trata de consolar e abraçar o Homem.** Não há qualquer realidade que não tenha lugar no coração de Deus, sem excepção.

Por oposição, lembra-nos que uma Igreja que se mantém “impecável” e de portas fechadas à relação com o mundo, torna-se “um museu”, onde apenas vemos e contemplamos as histórias de longe, como espectadores, com medo de lhes tocar ou sermos tocados. Corremos o risco de nos tornarmos “uma Igreja inóspita, que como uma família fechada em si mesma, mortifica o Evangelho e torna o mundo árido”.

O Papa lembra-nos que uma Igreja realmente segundo o Evangelho, só pode ter a forma de uma casa acolhedora, sempre com as portas abertas e onde todos se sentem convidados a entrar. **Uma casa que se alicerça no evangelho de Jesus e que tem lugar para todos.**

Uma Igreja que sabe que a única e verdadeira resposta que tem a dar é o próprio Jesus e que por isso não se confunde com uma “ONG”. Somos chamados a virar-nos para fora sim, mas com o coração no centro e a certeza de que pertencemos a Cristo e que é o próprio Cristo que devemos desejar levar aos mais necessitados, sabendo que não estamos sós e que Ele está connosco e nos diz que “se alguém escuta a minha voz e me abre a porta, Eu entrarei em sua casa, cearei com ele e ele comigo” (Ap 3, 20).

Ser Misericórdia de Deus

Ser Igreja de portas abertas é **ser testemunho vivo do Amor incondicional de Deus pelos seus filhos**, de tal forma que ninguém se sinta excluído de “casa”.

Olhemos para o Bom Samaritano e aprendamos dele – que é imagem da Misericórdia de Deus – algumas virtudes que nos desafiam a abrir as portas do nosso coração, no concreto da nossa vida.

1. **Dispor-me:** Não é fácil termos “sempre a porta aberta”. Por vezes, dá-nos mais jeito definir horários de expediente” para estar disponível para os outros. Desta forma garantimos que não nos incomodam quando não estamos à espera e que conseguimos cumprir os nossos compromissos. Deixar-se interpelar por quem está no caminho, implica muitas vezes ter de abandonar os meus planos, a minha “agenda” e a minha zona de conforto, pelo outro.

2. **Aproximar-me:** Muitas vezes temos tendência para nos colocarmos numa atitude de passiva espera. Facilmente dizemos “se precisares de alguma coisa, diz”, esquecendo-nos de que possam precisar que sejamos nós a dar o primeiro passo, a abrir cuidadosamente a porta. Preferimos manter uma “certa distância” das situações, do que arriscar envolvermo-nos e ter uma atitude de espera activa, como quem anseia ir ao encontro do outro.

3. **Não julgar:** Nem sempre nos dispomos a ajudar alguém sem antes fazermos um juízo sobre a situação em que se encontra ou sem termos a segurança de sabermos que aquela pessoa “merece ser ajudada”. Assumimos muitas vezes o papel de juizes da vida dos outros, criando barreiras a uma proximidade verdadeira.

4. **Arriscar tocar:** Há muitas realidades que temos medo de “tocar”. Seja porque fisicamente nos repelem, seja porque mexem com temas com os quais temos medo de lidar ou que não são “bem vistos”. Assusta-nos a ideia de sermos associados a caminhos e lugares incertos. Esquecemo-nos, muitas vezes, que Deus é o primeiro a acolher e aceitar o outro, como ele está e onde ele está, para então poder fazer caminho com ele.

5. **Acompanhar:** Por vezes o mais difícil não é “abrir a porta”, mas sim cuidar e deixar que a pessoa fique em nossa casa, o tempo que precisar. Basta-nos o mínimo para ficarmos de “consciência tranquila”, como quem se basta com “uma boa ação por dia”. Por vezes o Amor pede que permaneçamos, que fiquemos até ao fim, como Jesus nos amou na Cruz.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Quem são “os mais necessitados” do nosso tempo? A que realidades frágeis e situações vulneráveis somos mais chamados a responder, como Igreja, nos dias de hoje?

De que forma se traduz, no nosso dia-a-dia, esta atitude de ser “Igreja de Portas Abertas”? Quais os maiores desafios, riscos e oportunidades?

Deve a Igreja definir “regras e orientações claras” sobre como devemos agir em todas as situações ou devemos avaliar e ponderar cada situação à luz da Misericórdia de Deus?

“Ser Igreja em Saída” – até onde? Existe algum limite nas “fronteiras” onde somos chamados a ir? Existe algum lugar onde a Igreja não possa ou não deva chegar?

PONTOS DE ORAÇÃO

Nos gestos e acções do Bom Samaritano reconhecemos a mesma compaixão com a qual o Senhor vem ao encontro de cada um de nós: Ele não nos ignora, conhece as nossas dores e necessidades. Aproxima-se de nós e nunca nos abandona.

E eu, acredito que o Senhor tem compaixão de mim, tal como sou, pecador? Reconheço na minha vida esta Igreja que me acolhe como sou, de portas abertas?

Ao olhar para a minha vida, o meu dia-a-dia, a que realidades me sinto mais chamado a chegar? Quem são os “mais necessitados” na minha vida, hoje?

Ser Igreja de Portas Abertas é “fazer o mesmo” que o samaritano fez, ao aproximar-se com Misericórdia daquele homem abandonado.

Das virtudes que encontro no Bom Samaritano, qual a que mais me custa aplicar no concreto do meu dia-a-dia?

Identifico uma situação concreta em que preciso de crescer em Amor e Misericórdia e peço ao Senhor uma Graça que me ajude a viver mais centrado nos outros.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Rezar e acompanhar as situações de maior necessidade no mundo de hoje. Estar atento às notícias e escolher uma realidade ou situação para acompanhar e rezar ao longo do próximo mês.

Arriscar aproximar-me de alguém que neste momento da minha vida identifico como estando “mais necessitado” – família, amigos, colegas ou outras pessoas do meu dia-a-dia – através de um gesto concreto (um telefonema, uma conversa, um convite, ...).

Dinamizar uma reunião de equipa ou um momento aberto a outras pessoas (e.g. amigos que não acreditem ou estejam longe de Deus, trazer amigos e/ou namorados).

Investir na minha oração diária, reforçando os tempos e momentos de encontro com Jesus, partilhando com Ele o que vou vivendo no meu dia-a-dia e pedindo-Lhe a Graça conseguir discernir a Sua vontade para a minha vida.

PARA APROFUNDAR

Audiência Geral Papa Francisco – Jubileu da Misericórdia/
8.11.2015

Audiência Geral Papa Francisco – Parábola do Bom Samaritano
/ 27.04.2016

Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate, Papa Francisco

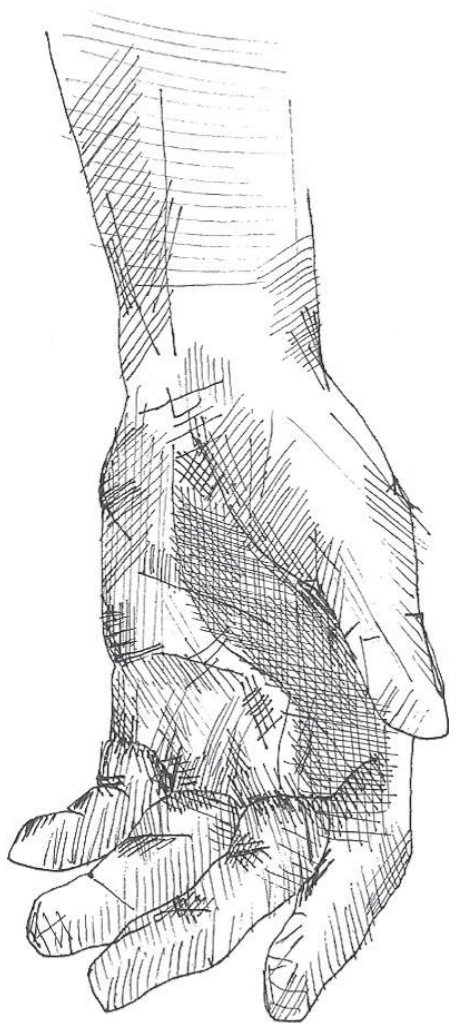
ORAÇÃO FINAL

Não digas: sou demasiado pobre!
Dá o que tens.
Não digas: sou demasiado fraco!
Lança-te para diante.
Não digas: sou demasiado ignorante!
Diz o que sabes.
Não digas: sou demasiado velho!
Dá as tuas forças e a tua experiência.
Não digas: isso matar-me-ia!
Se morreres, reviverás e farás viver.
Se o fardo te é pesado, pensa nos outros.
Se atrasas o passo, eles param.
Se te sentas, eles deitam-se.
Se te deitas, eles adormecem.
Se fraquejas, eles fogem.
Se duvidas, eles desesperam.
Se hesitas, eles recuam.
Mas se andas, eles correm.
Se corres, eles voam.
Se lhes estendes a mão,
Eles sustentam-te e ajudam-te.
Reza por eles e serás exaltado.
Arrisca a tua vida e viverás.

Prosper Monier, sj

POBREZA, POBRE DE ESPÍRITO E DE BENS

NOVEMBRO



POBREZA, POBRE DE ESPÍRITO E DE BENS

ORAÇÃO INICIAL

Em equipa, lemos e meditamos esta passagem do Evangelho. Abrimos o nosso coração à palavra de Deus. O que nos diz esta passagem sobre a pobreza? Deixamos que centre o nosso olhar, predispondo o nosso coração para estudar e rezar este tema.

«Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai Celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E quanto ao vestuário, por que andais ansiosos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé? Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? (Porque todas essas coisas os gentios procuram). Pois vosso Pai Celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.» (Mt 6, 26-34)

Olhai os pássaros, olhai os lírios – Jesus muda a escala do nosso olhar, convida-nos a ver mais longe, a reparar em mais do que costumamos ver! Há quanto tempo não reparamos? Diz-nos que a preocupação pela vida material não pode esgotar toda a nossa procura, toda a nossa vida. Recebemos, a vida de graça e somos chamados a recebê-la continuamente e a deixar que se dê e que se abra ao mundo. A vida não se esgota por ser dada! Dar não nos torna mais pobres! Mas

Deus conhece as nossas fragilidades, sabe que somos pequenos e que nos agarramos a preocupações vãs! Continuamente nos desafia a ver mais longe, a dar mais. Pede-nos que confiemos.

Deixemos que Jesus reconstrua o nosso olhar e refaça a nossa confiança n'Ele. Acreditemos que nos pede mais. Que o desafio vai muito além do mundo material! E começa em perceber isto.

(adaptado de *Um Deus que dança*,
Dom José Tolentino de Mendonça)

TEMA

A pobreza nas suas várias formas

“Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres. Depois vem, e segue-me.” (Mt 19, 21)

Ser cristão tem algumas coisas difíceis de perceber, muitas até **paradoxais**. A relação com a pobreza é uma delas. Crescemos a ouvir dizer que temos de estudar e arranjar bons trabalhos para ter dinheiro e uma vida boa – aprendemos que a riqueza é boa. Ao mesmo tempo, falam-nos das crianças africanas (aquelas por quem temos de comer tudo até ao fim) que estão a morrer à fome e de quem devemos ter pena, porque é muito mau não ter nada – e assim, aprendemos que a pobreza é má. Noutro plano, ouvimos dizer que devemos dar tudo o que temos, porque só assim podemos imitar Jesus e, além disso, porque “mais depressa passa um camelo por uma agulha do que um rico entra no Reino dos Céus” (Mt 19, 24). (Mesmo que isto seja um recurso estilístico, ou uma tradução errada da palavra que veio a ser tomada por camelo, a ideia é que é difícil o dinheiro ajudar-nos a chegar ao Céu.) Com isto, deduzimos que a riqueza é má e a pobreza é boa. Então, **queremos ser ricos ou pobres?** Ganhar muito e dar tudo o que temos, ou dar logo a nossa vida pelos outros e nem chegar a querer acumular bens?

Comecemos por perceber o que é a pobreza. É preciso dar-lhe vários sentidos. Primeiro, temos a **pobreza física**, a miséria. É a falta de recursos, a pobreza económica. Pode ser digna, vivida como uma oportunidade, como falaremos mais à frente, ou pode ser vivida em conjunto com uma **pobreza moral**, se vivida indignamente, miseravelmente. A pobreza moral é outro tipo de pobreza, e que podemos encontrar também nos ricos em bens materiais – a pobreza do que é pobre no espírito, que não tem critérios morais, que não é livre, que vive cheio de si e vazio de Deus, por não se saber necessitado d'Ele. Esta é também a **pobreza da solidão**, do que está indiferente ao mundo e vive por si só. Dizia a Santa Madre Teresa de Calcutá que esta é a pior pobreza dos nossos dias – “O maior de todos os males é a falta de amor e de caridade, a terrível indiferença relativamente ao próximo que vive à beira da estrada, vítima da exploração, da corrupção, da pobreza e da doença.” Explicava que hoje em dia as pessoas têm fome de amor, de compreensão, de Deus – e não o reconhecem.

Bem-aventurados os pobres de espírito

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mt 5, 3)

Esta pobreza merece ser bem explicada e bem distinguida das outras. É a da Bem-Aventurança. No Sermão da Montanha, Jesus diz-nos que felizes serão os pobres em espírito, incentivando a uma pobreza que é diferente da miséria e da falta de critérios. Ser pobre em espírito não pode ser confundido com ser fraco de espírito, pobre no espírito, como víamos acima. Esta fraqueza de espírito é o não ter desejos nem planos, o ser passivo e deixar que as coisas aconteçam na vida, sem vontade ou determinação. Nem pode ser confundido com a pobreza moral referida anteriormente, e que é a de viver sem Jesus – ser mesquinho, moralmente adoecido, insensível. Jesus vem para revolucionar os nossos critérios. Dá a volta a tudo, ensina-nos que ser pobre de espírito é ser humilde e reconhecer a necessidade que temos de Deus e, ao mesmo tempo, o desprendimento que devemos ter de tudo o resto.

Dizia São Filipe Néri que quem ama os bens do mundo nunca se fará Santo. A pobreza de espírito é, então, activamente não querer amar estes bens. É querer ser indiferente a desejos mundanos, indiferente a todas as coisas que não nos aproximam do fim para o qual fomos feitos. **É o desprendimento, a simplicidade e a disponibilidade** – ou seja, o querer apenas aquilo que Deus quiser para nós. É a pobreza do que morre todos os dias por ir contra o próprio querer, esquecendo o que queria e querendo só o que Deus quer. É a pobreza da bem-aventurança – felizes os pobres de espírito, sim, porque só querem a Deus. E os que só querem a Deus, n'Ele encontram todos os bens e encontram na pobreza o seu paraíso na terra. Para isto é preciso uma grande confiança, uma total entrega que só é possível pela Sua graça.

Esta é a Pobreza que nos é pedida

“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Mt 6, 21)

Não tanto a renúncia aos bens materiais, até porque ser pobre de bens não garante pobreza de espírito. A pobreza de espírito consiste, sim, em não pôr nestes bens o coração – porque o nosso coração estará onde estiver o nosso tesouro, e não há um outro tesouro que não seja Deus. Tudo o resto passa, tudo o resto é efémero, passageiro. A pobreza é, então, saber usar bem os outros bens terrenos, que erradamente podemos ver como tesouros, mas que o não são verdadeiramente. É amá-los e usá-los para alcançar coisas do alto, e não enquanto fins em si mesmos.

Esta é uma pobreza que pode ser vivida no meio da riqueza, por ser uma atitude interior de liberdade perante os bens do mundo; por ser um amor tão grande a Deus, que mais nenhum amor interessa. É um empobrecimento voluntário, que não é um arrogante desprezo total pelo mundo, nem o orgulho de se achar superior a este. É viver indigente, porque dependente do Pai, de alma desconstruída para que tudo seja renovado por Ele. É não reivindicar, discutir, julgar – e antes agradecer, confiar e entregar. Procurar ser manso e humilde

de coração, ter um coração doce e inteiramente Seu. Falava a Madre Teresa da alegria de nada ter, que lhe deixava o coração disponível para amar e querer só ao Seu grande amor, Jesus.

E, de facto, Jesus não era CEO de uma grande empresa, não fazia milhões. Não tinha uma casa enorme nem podia comprar tudo o que queria. Também é verdade que não tinha milhares de euros para dar aos pobres e tirá-los da miséria. Não que não pudesse ter, mas Jesus era simplesmente indiferente aos bens da terra. E é isso que devemos procurar, na medida que pudermos e nos for pedida! Alguns de nós serão chamados a desistir totalmente das riquezas, a não fazer nenhum uso delas. Outros, talvez sejamos chamados a ter muito e a dar muito. Há vários caminhos, vários pedidos – temos que estar dispostos a seguir o nosso, em tudo procurando a pobreza de espírito!

Jesus e os mais pobres dos pobres

“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mt 25, 35-40)

1. Os pobres são rosto de Jesus

Nem sempre nos é fácil perceber porque é que Jesus se encontra nos pobres. A verdade é que alguns pobres são miseráveis, mas não têm a pobreza de espírito que procuramos; e, por isso, parece-nos estranho que Ele esteja neles mais do que noutra pessoa qualquer. Mas foi Jesus quem se identificou com eles, dizendo que O que fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes. Também à Santa Madre Teresa, disse Jesus que Se encontrava nos mais pobres dos pobres, que amando-os estaria a amá-Lo, cuidando deles, a cuidá-

Lo. E assim, perante os pobres, é necessário um gesto de compaixão – da misericórdia que se inclina sobre a miséria, mostrando a grandeza da alma. Compaixão perante aquele que primeiro nos olhou com esse olhar misericordioso, que nos ensinou a olhar assim.

2. Jesus é rosto dos pobres

De facto, Jesus escolheu, desde o princípio, a pobreza. Nasceu pobre, para nos enriquecer com a Sua pobreza (2 Cor 8, 9). Sendo onipotente, ou seja, todo-poderoso, fez-se pobre, humilde, simples. Nasceu na pobreza e assim viveu toda a Sua vida – sem se distinguir por nenhum triunfo terreno. Também neste sentido nos podemos aproximar de Jesus se nos aproximarmos dos pobres. A Santa Madre Teresa explicava às suas irmãs que também elas tinham que ser pobres, identificar-se totalmente com os pobres e procurá-los nos buracos dos bairros de lata, para serem como Jesus. Escrevia-lhes: “Jesus foi enviado pelo Pai aos pobres e para ser capaz de compreender os pobres, teve de conhecer e experienciar essa pobreza no Seu próprio Corpo e na Sua Alma. Também nós temos de experienciar a pobreza, se quisermos ser verdadeiras portadoras do amor de Deus”. (Vem, Sê a minha luz – ver para aprofundar, abaixo). Assim, Jesus não só representa os pobres como também é um deles. Tocando a miséria dos buracos mais escuros dos bairros de lata, a Madre Teresa tocava o próprio Jesus abandonado, esquecido na Cruz. Nestes pobres, encontraria a miséria física e espiritual, da solidão, da total ausência de todos os bens físicos e espirituais. Foi Jesus Quem ensinou todas estas coisas à Madre Teresa.

3. Os pobres precisam de Jesus

Também explicou que, se por um lado, tudo o que fizessem aos pobres, era feito para Ele e para o acompanhar no Seu sofrimento (até na própria Cruz); por outro, era preciso levá-Lo aos buracos onde já não conseguia chegar, onde as pessoas estavam sozinhas, desprovidas de tudo, até do Seu amor.

PONTOS DE DISCUSSÃO

Na prática, como é que tudo isto se aplica? Onde está a fronteira entre o ter demais e o ter suficiente? Entre o ter suficiente e o ter de menos? Como discernir no dia-a-dia? Leio, abaixo, o critério proposto por São Josemaría Escrivá. Discuto situações concretas (i.e., ir à noite de oração ou fazer babysitting? Dar trocos na missa ou guardá-los para o parquímetro ou café?).

Porque é que a pobreza nos abre o coração a outras coisas? De que maneira nos garante maior disponibilidade? Procuo exemplos. Os Jesuítas que, nos exercícios espirituais, propõem ou vivem alguns dias de maior pobreza. As irmãs missionárias da caridade que, como dito, vivem na pobreza dos pobres que procuram ajudar. São Francisco de Assis, que deu tudo o que tinha. Tantos santos e santas que se fizeram pobres para estar mais perto de Deus. Escolho um e aprofundo o meu conhecimento sobre ele, para contar à minha equipa.

O que é a opção preferencial da Igreja pelos pobres? (Concílio Vaticano II) De que maneira me ajuda a perceber a pobreza e a sua medida na minha vida? Qual a importância dos pobres na Igreja? Que lugar têm? Procuo aprofundar e discutir.

PONTOS DE ORAÇÃO

Santa Teresa de Ávila dizia que “a pobreza é um bem que encerra todos os bens”. Santo Agostinho concorda – “Nela se acham todos os bens”. Como pode do nada vir o tudo? Confio que, se me desprender, Deus me dará o pão-nosso-de-cada-dia? Rezo e peço a graça da confiança em Deus, tão necessária para a pobreza de espírito.

“Procura viver de tal maneira que saibas privar-te voluntariamente da comodidade e bem-estar que acharias mal nos costumes de outro homem de Deus. Olha que és o grão de trigo de que nos fala o Evangelho. - Se não te enterras e morres, não haverá fruto.” (Caminho,

n.938). De que maneira se pode este critério adaptar à minha vida? Rezo e peço a graça do discernimento na minha vida.

A Madre Teresa falava da importância de dar e, além disso, de fazê-lo com um Sorriso (que escrevia com letra grande!) – sinal da entrega total a Deus, até da própria vontade. De que maneira está o meu coração, quando se dá? Como posso fazê-lo vergar-se e dar-se mais inteiramente? Rezo e peço a graça desta predisposição interior para dar com amor.

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

Procuro andar atento na rua e encontrar algum sem-abrigo. Mais do que dar-lhe algo de comer, tento ver nele Jesus. Amá-lo como Jesus o amaria e, ao mesmo tempo, ser rosto de Jesus para ele. (Fazemo-lo todos, é um desafio em equipa, mas não como quem coleciona pobres, e sim como quem vê a individualidade e dignidade da pessoa que se encontra naquelas circunstâncias.)

Em equipa, procuramos conhecer as irmãs da Caridade. Visitamos uma das suas casas (Lisboa, Setúbal, Faro) e tentamos entregar um dia ao seu serviço. Rezamos as suas orações e observamos atentamente o seu amor pelos pobres e a alegria no serviço. Podemos visitar uma outra instituição que se dedique no trabalho pelos pobres (de preferência católica – Madre Teresa muito insistia que as irmãs não eram assistentes da caridade! Tinham que estar centradas.)

PARA APROFUNDAR

Parte III, Capítulo XVI. Filoteia ou Introdução à Vida Devota, São Francisco de Sales. Neste livro, São Francisco escreve a Filoteia, que quer dizer uma alma que ama a Deus. Explica-lhe como começar este caminho de Santidade, e o que fazer para nunca se afastar do Deus que ama. No Capítulo XVI fala-lhe sobre a pobreza, sobre como amá-la e tirar proveito dela. Dá conselhos muito práticos e explica tudo de

maneira simples e clara. Vale a pena ler!

Vem, sê a minha luz. Brian Kolodiejchuck, M.C. Neste livro, o Pe. Brian conta a história da fundação das Missionárias da Caridade, através de um relato pormenorizado da maneira como a Santa Madre Teresa de Calcutá foi inspirada a criá-la, bem como sobre a sua vida espiritual. Além de ser um livro riquíssimo em termos espirituais, e que dá muito material de oração, tem também várias partes em que a Madre Teresa explica de que maneira a própria procurou identificar-se com os pobres, para se identificar com o próprio Jesus. Se puderem lê-lo e usá-lo para o tema, certamente acrescentará.

Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma de 2014.

Nesta mensagem, o Papa explica a carta de São Paulo aos Coríntios em que este disse a frase, já citada, Fez-Se pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza. É muito boa para a perceber!

Homilia do Papa Francisco no II Dia Mundial dos Pobres.

ORAÇÃO FINAL

Senhor, quando eu tiver fome,
dai-me alguém que precise de comida!
Quando tiver sede,
dai-me alguém que precise de água.
Quando sentir frio,
dai-me alguém que precise de ser aquecido.
Quando estiver ferido,
dai-me alguém a consolar.
Quando a minha cruz se tornar pesada,
dai-me a cruz do outro a partilhar.
Quando me achar pobre,
Conduzi-me a alguém necessitado.
Quando não tiver tempo,
dai-me alguém que possa ajudar por um instante.

Quando sofrer uma humilhação,
dai-me ocasião para elogiar alguém
Quando estiver desencorajado,
dai-me alguém para lhe dar novo ânimo.
Quando sentir necessidade da compreensão dos outros,
dai-me alguém que precise da minha.
Quando sentir necessidade de que cuidem de mim,
dai-me alguém que eu tenha de atender.
Quando pensar em mim mesmo,
voltai minha atenção para outra pessoa!
Torna-me digno, Senhor, de servir os meus irmãos
que vivem e morrem pobres e com fome,
no mundo de hoje.
Dai-lhes, através das minhas mãos, o pão de cada dia,
e dai-lhes, graças ao Teu amor compassivo, a paz e a alegria.

Madre Teresa de Calcutá

IGREJA, CASA DE CELEBRAÇÃO DA VIDA

DEZEMBRO



IGREJA, CASA DE CELEBRAÇÃO DA VIDA

ORAÇÃO INICIAL

Adoro-te com amor,
Deus escondido,
que sob estas espécies és presente,
dou-te o meu coração inteiramente
em tua contemplação desfalecido

A vista, o tacto, o gosto, nada sabem.
Só no que o ouvido sabe se há-de crer.
Creio em tudo o que o filho de Deus veio dizer,
nada mais verdadeiro pode ser
do que a própria Palavra da Verdade.
Ámen.

TEMA

De certeza que já te aconteceu: estavas em casa de um amigo ou de uma amiga, à mesa com a sua família especialmente divertida e bem-disposta, e a conversa era tão boa, toda a gente tão atenciosa, que sentiste que também fazias parte daquela alegria. Aquelas virtudes e aquela vida passaram também a ser tuas.

Desde toda a eternidade, há uma Família Divina, constituída pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, que vive uma relação de amor recíproco: Deus gera eternamente o seu filho, que é amado e gerado pelo Pai, também desde toda a eternidade, e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho e é o amor que eternamente existe entre os dois. Ora é nessa vida de amor que somos convidados a participar e foi para essa participação que fomos criados.

Com a Sua morte e ressurreição, Cristo reconciliou-nos com o Pai e alcançou para toda a humanidade – porque também era verdadeiro homem! – a maior graça de todas: podermos voltar à amizade plena com Deus, podermos voltar àquela mesa onde nos sentimos tão bem, enfim, podermos participar na Vida Divina outra vez!

E sabes o que aconteceu depois? Talvez já tenhas tido esta sensação: embora não jorges bem à bola, ou desafines a cantar, foste convidado para uma equipa ou para um espetáculo, porque os teus amigos queriam que participasses naquela alegria de ganhar ou de atuar e receber aplausos. Pois bem, com as devidas distâncias (que são muitas!) foi o que aconteceu com Cristo: instituiu a Igreja e a Eucaristia, para que cá na terra os homens possam continuar a participar na Vida Divina todos os dias, e a ter acesso às graças obtidas para nós pela Sua morte e ressurreição.

A Igreja é então uma realidade querida e fundada por Cristo, para que tenhamos vida! Não a vida que nos prometem as comédias românticas ou a vida idealizada que as celebridades anunciam no instagram, mas a verdadeira Vida: aquela que se vive em casa de Deus, no Céu.

Através dos sacramentos – em especial da Eucaristia – esta Vida Divina faz-se realmente presente nas nossas vidas. As graças que Deus está desejoso de nos oferecer tornam-se reais através da vida em Igreja e mudam mesmo os nossos corações e a nossa vida.

PONTOS DE DISCUSSÃO

“Este sacrifício [do Calvário] é tão decisivo para a salvação do género humano, que Jesus Cristo o ofereceu e voltou para o Pai somente depois de nos ter deixado um meio para dele participarmos como se tivéssemos estado presentes lá. Cada fiel pode, desse modo, tomar parte nele e adquirir os seus frutos de modo inesgotável” (São João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n.º 11). Qual é a relação

entre a Eucaristia e o sacrifício de Jesus no Calvário? Porque é que a Eucaristia não é apenas um banquete, ou uma comemoração, mas se diz que ela é o sacrifício incruento do Calvário?

Neste mês do Natal, meditemos na maravilha que é a Encarnação. Deus fez-se homem e assumiu realmente a nossa condição. O que é que a Encarnação revela ao homem sobre si próprio? Podemos oferecer na Eucaristia as coisas simples do nosso dia-a-dia (estudar, estar com os amigos, fazer desporto, estar em família) ou só as coisas espetaculares que nos acontecem?

PONTOS DE ORAÇÃO

Jesus é fonte de vida em vários sentidos. Porque nos salvou da morte e porque nos deu um meio para todos os dias podermos juntar as nossas ofertas à oferta de Jesus na Eucaristia. Quando estou na missa, lembro-me que posso entregar as coisas boas que fiz, e as coisas menos boas que suportei, para que Jesus as entregue ao Pai, ao mesmo tempo que entrega a Sua vida?

“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mt. 6, 21). Quais são os meus sonhos, as minhas ambições? O que é que acho que preencheria mesmo o meu coração? Estes sonhos correspondem à vida que a Igreja me oferece, ou deixo que seja a televisão, a internet e as redes sociais a determinarem onde tenho o coração?

Acredito, como acredita a Igreja, na presença real de Cristo na Eucaristia? Lembro-me durante a missa que após a consagração, o pão e o vinho deixam de existir, e passa a estar realmente diante de mim o corpo e o sangue de Nosso Senhor? Como posso mostrar melhor a Deus a minha devoção perante este mistério?

PROPOSTAS PARA O PONTO DE ESFORÇO

E se fôssemos “assaltar” sacrários? Acreditando na presença real de Cristo na Eucaristia, se passarmos durante este mês à porta de uma Igreja, entramos e cumprimos o Senhor e, se conseguirmos, fazemos-Lhe companhia durante uns minutos. Caso contrário, basta um “Olá Senhor, aqui estou”!

Está à porta uma das maiores Festas Marianas: a Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora! E se descobrisse qual é a Igreja ou a Capela mais próxima onde se realiza uma novena (a partir de 30 de Novembro) e tentasse assistir (o maior número de vezes possível)?

PARA APROFUNDAR

São João Paulo II, Ecclesia de Eucharistia
Bento XVI, Sacramentum Caritatis

ORAÇÃO FINAL

Bendita a vossa Pureza!
Eternamente bendita!
Que até Deus se delicia com tão graciosa beleza!
A Vós, celeste Princesa
Sagrada Virgem Maria
Vos ofereço neste dia alma, vida e coração!
Olhai-me com compaixão!
Não me deixeis, ó Maria,
Ámen.

AGRADECIMENTOS

“A vontade de Deus não é nunca que não façamos nada à oração, porque toda a oração verdadeira é actividade”

Padre Henri Caffarel
in Présence à Dieu, cent lettres sur la prière

Começo estes agradecimentos citando o Padre Henri Caffarel, fundador das Equipas de Nossa Senhora, cuja vida devemos ir agradecendo a Deus. Nesta passagem específica, o Padre Caffarel incita-nos a termos uma vida verdadeiramente assente na caridade, e revela-nos que essa caridade de que fala é fruto da oração. Penso ser a conclusão ideal para este caderno, que se queria prático e que desse dicas para uma vida mais centrada na caridade, através do amor à Igreja e ao Senhor.

Concretamente, agradeço à Ritinha Sacadura, ao João Valentim, ao António Brandão de Vasconcelos, ao Tomás Virtuoso, ao Filipe Avillez, ao Padre Duarte Andrade e Sousa, ao Cristóvão Gomes Ferreira, à Marta Figueiredo, à Mana Montanha Rebelo e ao casal Francisco e Rita Mendes Correia, redactores dos temas deste caderno e, além disso, pessoas que se dedicam ao Movimento.

Agradeço também à Kika Andrade, equipista do Porto e aposta renovada, e à Maria Ravara, equipista de Cascais, pela ajuda nos desenhos da capa e dos temas que nos acompanharam este ano.

Por fim, agradeço à Equipa de Animação Nacional – ao Joaquim Goes, à Lula, à Maria Azeredo, à Daniela Sousa, à Kika Carolino, à Teresinha Prazeres, ao Afonso Virtuoso e ao Sebastião Ribeiro - e a todo o Secretariado Nacional – ao nosso casal, a Carmo e o Luís, à Mariana, à Lhu, à Madalena, à Maria Ana, à Teresinha, ao António, ao Diogo e ao Gonçalo.

Foi com sentido de serviço a cada equipista e ao Movimento que cada uma destas pessoas trabalhou para construir este caderno e por isso estou muito agradecido.

Muito obrigado!

Carlos G.
Responsável dos Cadernos 2017/2019

MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor *
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva: *
De hoje em diante me chamarão bem aventurada todas
as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: *
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração *
Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço *
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos *
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens *
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo, *
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais, *
A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho *
E ao Espírito Santo,
Como era no princípio, *
Agora e sempre. Amen.